

**FORMAÇÃO
EXPERIENCIAL
DE ADULTOS NO SERTÃO
NORDESTINO
BRASILEIRO**

José Enildo Elias Bezerra



AYA EDITORA
2023

Formação experiencial de adultos no sertão nordestino brasileiro

Prof.^o Dr. José Enildo Elias Bezerra

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Autor

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra

Capa

AYA Editora

Revisão

O Autor

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva

Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza

Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Andréa Haddad Barbosa

Universidade Estadual de Londrina

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos

Instituto Federal do Amapá

Prof.º Dr. Carlos López Noriega

Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica - Poli - USP

Prof.º Me. Clécio Danilo Dias da Silva

Centro Universitário FACEX

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chirolí

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis

Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof.ª Ma. Denise Pereira

Faculdade Sudoeste – FASU

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig

Universidade Federal do Paraná

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos

Universidade Federal do Amapá

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva

Universidade Estadual de Londrina

Prof.º Dr. Gilberto Zammar

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Valença

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso

Universidade de Santa Cruz do Sul

Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues

Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão

Faculdade Santa Helena

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior

Universidade Federal de Roraima

Prof.º Me. Jorge Soistak

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti

Universidade Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim

Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.ª Ma. Lucimara Glap

Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues
Universidade Norte do Paraná

Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa
Instituto de Tecnologia e Pesquisa, ITP

Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes
Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch
Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes
*Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus
Pauapebas*

Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira
Instituto Federal do Acre

Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail
Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens
Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares
Universidade Federal do Piauí

Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros
Rodrigues
Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda
Santos
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues
Instituto Federal de Santa Catarina

© 2023 - AYA Editora - O conteúdo deste Livro foi enviado pelo autor para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição *Creative Commons* 4.0 Internacional (CC BY 4.0). As ilustrações e demais informações contidas neste Livro, bem como as opiniões nele emitidas são de inteira responsabilidade de seu autor e não representam necessariamente a opinião desta editora.

B574 Bezerra, José Enildo Elias

Formação experiencial de adultos no sertão nordestino brasileiro
[recurso eletrônico]. / José Enildo Elias Bezerra. -- Ponta Grossa: Aya, 2023.
66 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-217-3

DOI: 10.47573/aya.5379.1.123

1. Educação. 2. Educação não-formal. 3. Aprendizagem experimental.
4. Aprendizagem ativa. I. Título

CDD: 370.1523

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora LTDA

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| PREFÁCIO | 7 |
| INTRODUÇÃO | 8 |
| PROBLEMÁTICA | 11 |
| METODOLOGIA | 15 |
| Objetivos | 15 |
| Método qualitativo | 15 |
| Técnica de recolha de dados – Entrevista semiestruturada | 17 |
| Procedimentos | 20 |
| ENQUADRAMENTO TEÓRICO | 24 |
| Adultos não escolarizados e pouco escolarizados | 24 |
| Analfabetismo | 24 |
| Alfabetização e educação de adultos | 27 |
| Formação experiencial | 30 |
| ANÁLISE DE DADOS EMPÍRICOS | 34 |
| Contexto de investigação..... | 41 |
| Eixo 1. Percurso escolar | 42 |
| Eixo 2. Contexto familiar | 46 |
| Eixo 3. Percurso profissional | 50 |
| Eixo 4. Percurso pessoal e social | 52 |
| Eixo 5. Visão de mundo | 53 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 56 |
| REFERÊNCIAS | 59 |
| SOBRE O AUTOR | 62 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 63 |

Prefácio

O livro que você tem em mãos é fruto de uma pesquisa minuciosa sobre a formação experiencial de 11 adultos, agricultores, trabalhadores autônomos e domésticas, na área rural da cidade de Ouricuri, no estado do Pernambuco, localizada no nordeste do Brasil.

Quanto ao autor, o professor Dr. José Enildo Elias Bezerra, a quem admiro por seu compromisso como educador e professor na construção de um mundo mais justo por meio de sua contribuição através de sua práxis, traz nesta obra o relato de sua pesquisa de Estágio Pós doutoral realizado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. .

Assim, este livro apresenta reflexões importantes sobre a realidade do analfabetismo e desemprego, assim como as experiências vividas por adultos não alfabetizados ou pouco escolarizados ao longo de suas vidas.

Os relatos presentes nesta obra, trazem à tona a necessidade de uma educação formal para esses indivíduos, bem como suas justificativas para a ausência de oportunidades de continuar seus estudos devido às condições precárias em que vivem. É importante destacar ainda a sobrecarga das mulheres ao conciliar afazeres domésticos, trabalho no campo e criação dos filhos, o que acaba por agravar ainda mais a situação de falta de acesso à educação.

No entanto, a obra não se limita a apresentar os problemas enfrentados por esses indivíduos, mas também traz reflexões sobre as experiências ao longo da vida como possibilidades de promoção da educação informal e formação experiencial. É por meio dessas vivências e experiências que esses adultos conseguem adquirir conhecimentos valiosos e habilidades que ajudam a superar as dificuldades a que são acometidos.

O livro é, portanto, uma importante contribuição para a compreensão da realidade desses indivíduos e para a discussão sobre políticas públicas voltadas para a promoção da educação e a redução das desigualdades sociais. Esperamos que esta leitura possa sensibilizar os leitores para a importância da educação na transformação da sociedade.

Renata Ventura

Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - campus Ubajara

INTRODUÇÃO

Este relatório tem por objetivo apresentar análises de pontos de vista de onze adultos, com idade entre 27 e 62 anos, em sua maioria mulheres, agricultoras, trabalhadoras autônomas e domésticas, moradoras de três localidades da região semiárida do nordeste brasileiro, especificamente, na zona rural do município de Ouricuri, localizado a 623km da capital Recife no estado de Pernambuco, Brasil.

Os dados apresentados neste relatório têm por finalidade contemplar uma pesquisa de campo, realizada entre os anos de 2019 e 2020, tendo como ponto principal a opinião dos adultos no que tange ao seu processo de formação, realizado ao longo da vida. A pesquisa teve como principal objetivo compreender o processo de formação experiencial de adultos não escolarizados e pouco escolarizados do sertão nordestino brasileiro. A pesquisa de natureza qualitativa incidiu na realização de entrevistas biográficas com adultos, centradas no percurso familiar, pessoal e social, contexto escolar e profissional.

A princípio, foram convidados treze adultos voluntários, porém, após alguns encontros e diálogos acerca da futura pesquisa, permaneceu apenas um grupo de nove mulheres e dois homens. Antes da iniciação das entrevistas, foram apresentados elementos para o consentimento informado, nomeadamente, sobre os objetivos da pesquisa, o método que seria utilizado para coleta de dados e os dias e horários em que poderiam ser realizados os encontros, e ainda os princípios éticos seguidos pelo pesquisador.

Os adultos escolhidos são moradores de três localidades da zona rural. Os encontros foram realizados a partir do segundo semestre de 2019 até o final de 2020. Tais períodos diferenciados se deram pela necessidade de deslocamento do pesquisador a uma região de difícil acesso e das condições em que se encontravam os trabalhadores, que, em diversas situações, só poderiam realizar as entrevistas no período noturno. Fez-se necessária uma compreensão dos acontecimentos principais e do contexto que envolvia os adultos, com visitas informais em residências. A proposta era provocar uma narração autossustentável de parte do entrevistado, sem a

existência direta do entrevistador em qualquer opinião ou relato apontado por aquele que expõe sua história de vida.

O semiárido pernambucano foi escolhido por se tratar de uma região que tem o menor índice de desenvolvimento humano do país, apresenta um baixo índice de escolaridade entre a população, problemas de grandes estiagens e políticas públicas de educação que não atendem aos moradores da região, principalmente no que tange às questões de formação escolar. O número alto de analfabetismo da população ativa afeta a quantidade de pessoas desempregadas ou que não têm qualificação para desenvolver atividades com melhores remunerações. Isso os leva a permanecer, em algumas situações, nas mesmas condições de agricultores, dando continuidade à única profissão que os mantêm no mercado de trabalho informal. Não há perspectiva de melhoria nas condições de vida, permanecendo os sujeitos na mesma situação desde a infância até a vida adulta, vivendo quase em condição idêntica à de seus pais.

Como elementos teóricos de base, tomou-se as obras de Benjamin (1975) e Cavaco (2001), que apresentam o processo narrativo como efetivo para elaboração de uma pesquisa qualitativa que considera não apenas o contexto, mas as condições de eventos e acontecimentos ocorridos no processo de experiências adquiridas ao longo da vida de determinados grupos e que tais condições interferem no ensino aprendizagem. Ferrarotti (1990) sintetiza o papel da entrevista biográfica como um contrato de confiança em que se pede para um determinado sujeito relatar aspectos de sua vida. Kolb (1984) retrata que aprender pela experiência não significa que qualquer experiência seja resultado de aprendizagem; o importante é que os sujeitos saibam se apropriar dos saberes anteriores para aspirar novos caminhos de novas aprendizagens.

Conduzir a pesquisa com os cinco domínios citados anteriormente ajudou a compreender as difíceis condições de adultos não alfabetizados e pouco escolarizados, e as circunstâncias que levaram apenas dois entrevistados, entre os onze, a finalizar a educação básica. É possível compreender, nas descrições sobre a importância da escola para o público-alvo, que eles demonstram o desejo de participar ativamente da

educação formal. Demonstrem, por outro lado, que os problemas sociais e familiares não os auxiliaram na conciliação entre os afazeres domésticos, trabalho no campo e criação dos filhos, especialmente as mulheres, que ainda continuam com uma carga horária de trabalho aquém do esperado para qualquer trabalhador.

Percebe-se, durante as entrevistas, que todos os adultos acreditam que a escola ainda é o único local de aprendizagem e a única instituição que pode auxiliá-los a sair das condições precárias para encontrar melhores condições de vida. Principalmente as mulheres se esforçam para que os filhos e netos não sejam reprodutores das experiências vividas por elas em relação ao abandono da escola. Na exposição dos relatos dos adultos, percebe-se que, pela primeira vez, os entrevistados espelham suas realidades a partir de reflexões acerca do que foi construído ao longo da vida e como tais experiências podem contribuir para uma formação plena entre a educação informal e a formal. Também refletem sobre como eles imaginam que suas vidas poderiam ser transformadas se houvesse oportunidade de frequentar o ambiente escolar. Ao ler este relatório, o leitor poderá perceber que os entrevistados não apenas idealizaram melhores condições de vida ao entrar na escola como acreditam até hoje que as condições precárias se devem ao fato de não terem oportunidade de continuar os estudos. Para eles, não é uma alternativa concentrar-se na formação de filhos e netos a fim de não repetir o mesmo ciclo que vivenciaram.

PROBLEMÁTICA

De forma a delimitar a pesquisa, realizou-se as análises à luz de autores que discutem o processo de formação do indivíduo ao longo da vida. Concentrou-se nas abordagens metodológicas existentes no trabalho de Cavaco (2001) e nas definições sobre o tema. Estas auxiliaram a ampliação de novos horizontes para realização de uma pesquisa de campo que retratasse situações de formação experiencial de adultos com ou sem escolarização e que ainda preserva os traços de uma sociedade tradicional.

Inicialmente, tornou-se fundamental compreender a importância da coerência cultural entre a preservação de valores e as regras de organização nas comunidades rurais escolhidas para realização das entrevistas. Segundo Cavaco (2001), é compreensível que, em determinados lugares, existam ainda características inerentes das sociedades tradicionais, principalmente no meio zona rural, onde os costumes são mais preservados e as situações de condições de lazer e trabalho quase não se separam, diferente do que acontece nos meios urbanos. Os adultos entrevistados, embora tivessem acesso a meios de comunicação como celulares e internet, continuavam a preservar traços culturais típicos de uma sociedade tradicional rural. Isso chamou a atenção do pesquisador para realização da pesquisa, pois o objetivo era compreender o processo de formação destes sujeitos ao longo da vida, com especial atenção à sua percepção da escola

Lima (2007) destaca que a educação ao longo da vida é um *continuum* que compreende a educação de crianças, jovens e adultos e tem se revelado em certos países um dos pilares socioeducativos nas políticas educacionais do Estado. O autor evidencia que, na formação de adultos, é possível repensar que a educação para esse público pode ser igualitária nas oportunidades, assumindo os objetivos que visam o esclarecimento e a autonomia dos indivíduos, bem como a transformação social através do exercício de uma cidadania ativa e crítica. O conceito que trata de formação e de aprendizagem ao longo da vida remete ao ideal de uma educação permanente, que, segundo Lima (2007), se baseia no princípio considerado “pedra

angular” da criação de uma “cidade educativa” e “ideia mestra” que podem auxiliar em políticas educativas futuras, segundo o relatório “Aprender a Ser” da UNESCO.

Baseando-se nesses princípios, o tema investigativo a “Formação experiencial de adultos no sertão nordestino brasileiro” buscou refletir sobre as condições da formação experiencial de adultos em localidades próximas à cidade de Ouricuri, região agreste do estado de Pernambuco, especificamente, no semiárido do Nordeste brasileiro. O intuito foi analisar, por meio de entrevistas biográficas, as relações dos saberes que os adultos constroem ao longo da vida e suas relações com os saberes e as impressões sobre o papel da escola em diversos momentos da sua formação.

As entrevistas, centradas nos domínios do percurso escolar, contexto familiar, visão de mundo, profissional, pessoal e social, visavam recolher os testemunhos, construídos a partir das histórias de vida, de adultos entre 27 a 62 anos, em uma localidade distante dos grandes centros urbanos, região de difícil acesso à educação formal. Os locais escolhidos para preparação durante as três primeiras viagens foram: Sítio Tigre, Lagoa do Urubu e Canacui. Durante o processo investigativo, se acreditou na possibilidade de compreender as condições que levam um determinado grupo a frequentar a escola, abandonar ou finalizar a Educação Básica, reconhecendo uma relação entre a mobilidade social e a escolarização.

A escolha do local da investigação ocorreu pela necessidade de analisar como se faz presente a formação de adultos, em uma região de difícil acesso, que sofre grandes secas, denominada de semiárido da região do Nordeste do Brasil e que se encontra, geograficamente, isolada dos grandes centros e esquecida pelo poder público, sofrendo há décadas sequelas educacionais e econômicas. As entrevistas resultam em reflexões de adultos no ambiente escolar e fora deste, levando em conta os saberes experienciais construídos ao longo da vida e como tais aprendizagens os auxiliaram na formação como cidadãos.

As análises dos dados empíricos foram resultantes de entrevistas com 11 adultos de três localidades, o que permitiu compreender a importância atribuída pelos entrevistados às questões da aprendizagem ocorrida no percurso em que foram

participantes da educação formal e nos mais diversos momentos da formação ao longo da vida. Também se verificou como analisam a falta de condições de frequentar um lugar, que acreditam ser o único de aprendizagem, sem perceber que a própria experiência existencial é um fator primordial para construir novas condições que levam à aprendizagem, tanto na escola quanto fora dela. Analisar os dados empíricos decorrentes de entrevistas com cidadãos que nunca frequentaram, abandonaram ou voltaram a frequentar a escola tardiamente foi um grande desafio para o investigador, pois tal processo investigativo consubstanciou-se na importância de compreender a capacidade humana de desenvolver suas habilidades e competências ao longo da vida. Isso ocorreu através do processo de amadurecimento, não só de pensamento, mas também da necessidade de preservar a continuidade da sobrevivência humana, em condições de vida difíceis, de acordo com as especificidades das experiências de cada sujeito.

Os entrevistados, durante os relatos, demonstraram que, além dos problemas encontrados para realizar o desejo de participar da educação formal, acreditam, até o presente, que a escola é o único local de aprendizagem, que pode levá-los a melhores condições de vida. Dessa forma, foram desconsiderados os diversos saberes construídos ao longo da vida, por exemplo, os adquiridos no trabalho informal e em outras atividades econômicas que colaboram para o bem-estar social.

A região do semiárido pernambucano, além de ser penalizada por severas secas, apresenta em seu histórico um reduzido investimento em políticas públicas, o que é notório nos aspectos educacionais, que incidem em pessoas pouco escolarizadas, em processo de escolarização ou em situações de abandono da escola. Este contexto é marcado por condições econômicas de trabalhos rudimentares, problemas de acesso à água potável, estradas sem estrutura, entre outros problemas que afetam o cotidiano das populações, que vivem isoladas e sem acesso a uma Educação Básica de qualidade. Diante das situações apresentadas, iniciou-se um processo de contato com adultos que vivem em localidades de pouco acesso às escolas do Ensino Básico na região, catalogada em uma área de 26 km (aproximadamente). Após a realização de visitas ao local, foi estruturada uma proposta de pesquisa de campo voltada para

a interpretação e análise de dados referentes aos relatos de experiências de vida dos moradores entrevistados.

A pesquisa visou captar a interpretação da situação a partir da vivência e da compreensão dos próprios adultos. Os relatos contribuíram para compreender os acontecimentos mais relevantes em suas vidas, o modo como entendem a educação a formação, as suas implicações e as relações que estabelecem com o saber dentro e fora da escola. O documento centra-se na análise destes domínios.

METODOLOGIA

Objetivos

A pesquisa teve como objetivo compreender a percepção de adultos, residentes no sertão nordestino brasileiro, sobre o seu processo formativo, dentro e fora da escola. Adaptamos como eixos de investigação o percurso escolar, o contexto familiar, o percurso profissional, o percurso pessoal e social e a visão do mundo. A pesquisa incidiu em três grupos de adultos – adultos não escolarizados, adultos que frequentaram a escola, mas não concluíram a educação básica e os que concluíram a educação básica.

Para os trabalhos de campo, foram realizadas entrevistas biográficas, com perguntas focadas nos eixos de investigação anteriormente citados. Estes eixos, preestabelecidos pelo pesquisador, contribuíram para a recolha de elementos sobre o percurso de vida e o processo de formação dos adultos participantes. As entrevistas visavam captar o processo de formação experiencial de adultos moradores do sertão nordestino, através das experiências realizadas ao longo da vida, dentro e fora do contexto escolar.

Método qualitativo

O Método qualitativo caracteriza-se pela relevância para diferentes disciplinas e profissões. Desenvolver uma pesquisa que utiliza tal método é observar quais relações os sujeitos têm com um determinado tema e quais experiências foram mais representativas durante o percurso da vida.

As cinco características da pesquisa qualitativa têm como princípio estudar o significado da vida das pessoas; observar as condições reais da vida, buscando representar as opiniões e perspectivas dos indivíduos; abranger, na medida do possível, as condições contextuais em que as pessoas vivem, contribuindo com conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano e, por fim, esforçar-se na utilização de fontes de evidência em vez de

se basear em uma única fonte.

Iniciando o significado da vida das pessoas, é importante salientar nesse ponto que as condições apontadas pelos estudos envolvem as condições reais de sobrevivência em que os sujeitos vão desempenhar seus papéis cotidianos ou expressá-los por meio de seus próprios registros em diários, periódicos, textos escritos e relatos orais ou através de fotografias. As interações sociais no método biográfico ocorrem com mínima interferência dos procedimentos de pesquisa artificiais e as pessoas dirão o que querem dizer, não limitadas, por exemplo, a responder um questionário pré-definido pelo pesquisador. Da mesma maneira, as pessoas não se sentirão inibidas pelos limites de um laboratório ou ambiente semelhante.

Na segunda característica, o método qualitativo difere na capacidade de representar as visões e perspectivas dos participantes de uma pesquisa. Capturar as perspectivas dos sujeitos pesquisados sobre um determinado tema a ser discutido tem com propósito criar um estudo qualitativo. Assim, os eventos e ideias oriundos da pesquisa podem apresentar os significados de dados e fatos da vida real pelas pessoas que os vivenciam, sem levar em consideração valores, pressuposições, ou significados mantidos por pesquisadores.

Na terceira condição que utiliza o método qualitativo, abrange-se as condições contextuais como: sociais, institucionais e ambientais em que as vidas das pessoas se desenrolam. Em muitos aspectos, essas condições contextuais podem influenciar muito todos os eventos humanos. Entretanto, os outros métodos de ciências sociais (exceto história) têm dificuldade para abordar essas condições.

Na quarta, o método não é apenas um diário ou uma narrativa cronológica da vida cotidiana. Ao contrário, é guiado por um desejo de explicar esses acontecimentos através de conceitos existentes ou emergentes. Goffman (1963) destaca que o manejo de estigma se refere sobretudo às adaptações de uma pessoa. Contudo, um estudo qualitativo contemporâneo aplicou essa tipologia e arcabouço a um grupo coletivo, oferecendo novas revelações ao se realizar estudos sobre as experiências de vida das pessoas que pudessem contribuir com a pesquisa qualitativa, auxiliando em

novos conceitos relativos às questões sociais, tais como, a relação entre um grupo de indivíduos e o ensino formal.

Na quinta e última característica, podemos apontar que ela procura coletar, integrar e apresentar dados de diversas fontes de evidência como parte de qualquer estudo, ou seja, a variedade provavelmente será uma decorrência do que o pesquisador deseja estudar em um ambiente de vida real e seus participantes. A complexidade do ambiente de campo e a diversidade de seus participantes provavelmente justificam o uso de entrevistas e observações e mesmo a inspeção de documentos, artefatos ou de análises de textos gravados.

O relatório aqui apresentado tratará adiante de histórias de vidas, coletas que foram realizadas a partir de temas importantes relativos a conceitos e vivências no espaço escolar e fora dele.

Técnica de recolha de dados – Entrevista semiestruturada

A movimentação da investigação foi realizada com 11 adultos entre 27 a 62 anos, realizadas em 2019.2 em três localidades, próximas umas das outras, se estendendo por aproximadamente 26 km.

Levou-se em consideração também as atividades laborais que os homens e mulheres realizavam, na intenção de considerar um círculo de aprendizagem em que o adulto alude todas as bases, isto é, de experiências, de reflexão, de pensamento e de atividade que fornece ou não novas expectativas entre a escola e a comunidade.

As análises das experiências adquiridas ao longo da vida de adultos de diferentes idades e de classe social economicamente igual trouxeram reflexões do papel da escola na sociedade, criando possibilidades de ações futuras em trabalhos e atividades a serem desenvolvidos tanto pelo pesquisador como para outros que se interessem pelas discussões em grupos de estudos. É o caso da criação do primeiro Grupo de Pesquisa Qualitativa na Serra do Ibiapaba no ano de 2020, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará –IFCE/campus/Ubajara, que tem como finalidade elaborar pesquisas no âmbito da linha de pesquisa “formação

experiential” utilizando o método qualitativo, em uma abordagem biográfica.

Inês (2009, p. 38), destaca que: “a estabilidade e duração de um determinado perfil de individualidade advêm de um padrão consistente de transação entre o indivíduo e o seu ambiente”, e é nessa perspectiva que a coleta de dados na zona rural de Ouricuri pôde fornecer subsídios para identificar as condições que levam os adultos a se manterem em determinadas situações educacionais. As experiências dos adultos, em suas entrevistas, conduziram as observações e reflexões sobre o papel da escola na sociedade, sendo possível, após a realização dos trabalhos com os adultos no sertão Nordestino brasileiro, propor novas implicações para uma ação mais eficaz nas atividades a serem desenvolvidas pelo pesquisador.

Outra condição foi a de testar ações que podem ser ativamente experimentadas e habilitadas no âmbito acadêmico, criando condições para futuros pesquisadores em novos conceitos de aprendizagem junto ao ensino. Na recolha de dados, recorreu-se à entrevista biográficas, porquanto permite o acesso ao pensamento do sujeito, através de uma abordagem não diretiva e em profundidade, a dimensões da sua história de vida, tanto pessoal como social. Esse tipo de entrevista encorajou e estimulou o sujeito entrevistado (informante) a narrar acontecimentos importantes de sua vida e no contexto social ofereceu a oportunidade de reconstruir acontecimentos sociais, a partir do ponto de vista dos informantes.

No decorrer da realização das narrativas, o entrevistador teve uma participação mínima, embora tentasse aproximar a situação de entrevista à interação cotidiana, na qual ocorre o contar e escutar histórias.

As entrevistas biográficas têm uma característica colaborativa, uma vez que “a história emerge a partir da interação, da troca, do diálogo entre entrevistador e participante” (MUYLAERT, SARUBBI, GALLO, ROLIM NETO E REIS, 2014, p. 194). Registrar narrativas, ao longo da pesquisa com adultos, ajudou a discorrer sobre os contrastes entre os princípios da estrutura da composição da narrativa, que implica uma posição de participação assumida pelo narrador em face de sua vida e dos problemas da sociedade; nessa condição, há engajamento entre os interlocutores.

Benjamin (1975, p. 63) considera que “no processo narrativo o sujeito encontra-se implicado na série de eventos e acontecimentos evocados, ao passo que na descrição ele, na condição de sujeito, se encontra apartado do relato que adquire uma dimensão objetiva, descritiva e observacional”. Os relatos apresentados neste relatório tiveram como base o método biográfico, no qual o entrevistado é o principal informante e responde as questões relativas às perspectivas sobre as condições em que estiveram na educação formal e informal. Os testemunhos apresentados fazem parte de práticas focalizadas em determinados aspectos da vida de um conjunto de pessoas, ou seja, uma autobiografia descrita pelo próprio narrador. A intenção foi reunir histórias de vida de grupos que partilham situações ou vivências comuns.

Ferrarotti (1990 *apud* Cavaco, 2001, p. 94) descreve que

A realização da entrevista biográfica exige a formulação de um contrato de confiança no momento em que se pede para a pessoa nos contar aspectos da sua vida. Deste modo, em termos deontológicos deve-se “garantir ao interlocutor o respeito pelo seu anonimato e prometer-lhe que os seus esforços vão servir para qualquer coisa, ou seja, são úteis.

Com relação à preparação para realização da entrevista biográfica é necessário ter uma compreensão do acontecimento principal, tanto para deixar evidentes as lacunas que a entrevista pode preencher quanto se conseguir uma formulação convincente do tópico inicial central do tema abordado. Busca-se provocar uma narração orientada e conduzida da parte do entrevistado, os registros de conversa foram registrados através de conversas informais, gerando oportunidades de os adultos exporem suas próprias histórias de vida por aquele que expõe sua história de vida.

As entrevistas biográficas é resultado de uma interação social entre o investigador e o entrevistado, construídas a partir de etapas a partir de etapas e regras que partem da preparação (exploração do campo estudado); das formulações de questões exmanentes¹, iniciação que trata da formulação do tópico inicial para narração e emprego de auxílio de áudios, narração central, compreendendo que o sujeito de ter a liberdade de socializar o vivido pelo narrador estimulando-o descrever os acontecimentos sem estágios preestabelecidos por um questionário. É importante

¹ Segundo Mulyaert, Sarubbi, Gallo, Rolim Neto e Reis (2014, p. 195), “As exmanentes referem-se às questões da pesquisa ou de interesse do pesquisador que surgem a partir da sua aproximação com o tema do estudo, ao elaborar a revisão de literatura e aprofundamento no tema a ser pesquisado (exploração do campo)”.

que o entrevistador não dê opiniões ou faça questionamentos sobre atitudes, não discuta sobre contradições apontadas pelo informante e vá das perguntas exmanentes para as imanentes² com a finalidade de oferecer oportunidade ao entrevistado de expor novos fatos que possam contribuir com as análises realizadas durante a pesquisa.

No ciclo conclusivo da entrevista biográficas, acontecem sempre as discussões realizadas em forma de comentários informais, que muitas vezes trazem luz sobre as informações mais formais dadas durante a narração. Esta informação contextual se mostra, em muitos casos, importante para a interpretação dos dados e pode ser crucial para a interpretação contextual das narrativas do entrevistado.

Nas análises de Cavaco (2020) é possível identificar que durante o processo investigativo biográfico se dar pela socialização da experiência e dos saberes dos adultos estão atrelados a apropriação de conhecimentos adquiridos ao longo da vida e que mesmo as entrevistas tenham sido criadas por uma intenção de espontaneidade, coube aos sujeitos participantes a condução de relatos muitas vezes imprevisíveis, pois, em diversos momentos as narrativas tornaram-se mais uma conversa do que propriamente um diálogo estruturado entre o investigador e os entrevistados.

Procedimentos

Os primeiros contatos com os moradores da zona rural de Ouricuri foram realizados entre os meses de agosto de 2018 a janeiro de 2019. As conversas informais com os adultos tiveram como objetivo central conhecer a realidade de cada família e as condições em que viviam. Logo em seguida, foram ouvidas as primeiras narrativas (sem gravação de áudios). A gravação surgiu a partir da conscientização dos objetivos da pesquisa, momento em que os adultos se prontificaram a atender ao convite, embora existissem resistências iniciais de parte dos entrevistados em narrar suas próprias histórias.

As compreensões iniciais, que aqui serão tratadas como domínio, abordaram as dificuldades encontradas ao longo da vida e os motivos que levaram a não frequentar,

² *Muylaert et al. (2014) esclarecem que as questões imanentes são linguagens utilizadas pelos informantes e que trazem tópicos que podem ou não coincidir com as questões exmanentes e que podem ser associadas às reflexões realizadas pelo pesquisador.*

a abandonar ou a voltar à escola. Efetuadas as entrevistas com sete adultos, em três localidades diferentes, os grupos foram delimitados em três categorias: os que nunca frequentaram a escola, os que a abandonaram e os que finalizaram a Educação Básica.

As transcrições, no primeiro momento, foram realizadas de forma experimental, buscando apenas registrar o que foi dito nos relatos, até que houvesse familiaridade com o ambiente e com os homens e mulheres que estavam dispostos a colaborar com a pesquisa. O objetivo sempre foi diminuir as tensões em futuros encontros, alcançando, com o tempo, o processo de informalidade nas conversas realizadas antes das entrevistas, pois de uma certa forma as reflexões sobre determinado assunto são dialogadas de maneira mais natural quando os entrevistados conseguem ter afinidade com o entrevistador.

Optou-se por técnicas presentes na abordagem biográfica por compreender que informações de fatos ocorridos ao longo do percurso de vida são mais pontuais e podem ser descritas na modalidade oral com maior simplicidade. Nesse enquadramento, Cavaco (2011, p. 92) menciona que “A entrevista biográfica contém uma informação factual rica quando se pretende reconstruir acontecimentos, situações, interações e ações, o que torna os testemunhos de vida instrumentos fundamentais na captação de saberes práticos”.

Nos encontros posteriores, os depoimentos ocorreram com domínios voltados para o percurso profissional, pessoal e social, contexto familiar e visão de mundo, em que se buscou realizar outras entrevistas com os primeiros sete participantes, a fim de estruturar todos os cinco domínios com o restante de outro grupo de adultos que faltava ser entrevistado.

Os encontros foram realizados com onze adultos, em sua maioria, no período noturno porque são trabalhadores do campo ou realizam atividades profissionais domésticas em casas circunvizinhas. Com relação aos gêneros dos entrevistados foram: dois masculinos e nove femininos, subdividindo-se em três grupos: dois que nunca estudaram, sete que abandonaram a escola e dois que completaram a Educação

Básica. Durante o percurso das entrevistas, foram verificadas ausências de escola, cuja função tem como prioridade a Educação de Jovens e Adultos – EJA, assim como é denominada no Brasil. Tais circunstâncias dificultam o acesso à educação, pois os alunos necessitam de transporte que os leve aos locais das escolas nos centros urbanos.

Outro cenário envolve a observação dos relatos da comunidade, que apontou para o fechamento de algumas unidades atuantes na modalidade EJA, ressentindo-se uma profunda e extensa carência da Educação Básica voltada para o público-alvo. Em relação as técnicas utilizadas para as entrevistas individuais foram gravações, sem identificação de nomes ou qualquer outra informação que expusesse os entrevistados, apenas idade, profissão e três particularidades relativas à falta de escolarização, abandono e finalização da Educação Básica. Os locais escolhidos pelos entrevistados foram os ambientes em que viviam, preferindo sempre serem acompanhados por pessoas ligadas à família ou às relações de amizades, pois se sentiam à vontade para falar dos mais diversos assuntos e nos temas escolhidos. Tais experiências foram presentes na pesquisa de Cavaco ao destaca que “a presença de outras pessoas, situação que ocorreu em quatro casos, afigurou-se muito positiva, uma vez superada a situação de ruptura na entrevista, pois permitiu a obtenção de outras informações sobre a vida do entrevistado”. (2001, p. 106).

O uso do gravador de um telemóvel não resultou em grandes problemas, uma vez que todos entrevistados fazem uso de iguais equipamentos para comunicação no cotidiano. Muito embora haja dificuldade de acesso aos bens comuns, a região é provida de fácil acesso à comunicação por meio da internet. A recolha de dados foi realizada em momentos diferentes devido à disponibilidade dos entrevistados e pelo próprio deslocamento do entrevistador, já que as distâncias entre uma localidade e outra requer tempo para chegar aos destinos estabelecidos.

Antes de qualquer formalidade de entrevista, deu-se prioridade aos diálogos orais com os moradores para que pudessem, durante o percurso da entrevista, relatar as experiências de vida, avaliando as experiências do cotidiano e comparando-as

com as oferecidas no passado e como essas produziram efeitos genuínos, imprimindo vestígios durante todo processo de existência com relação ao que aprenderam dentro e fora da escola. Constatou-se que, em lugares isolados geograficamente e em comunidades em que ainda predomina o trabalho informal, é comum encontrar pessoas que podem explicar suas experiências, até porque o homem contemporâneo em localidades de fácil acesso aos bens comuns se encontra sobrecarregado de informações, o que dificulta uma reflexão acerca do existir.

Para Bondía (2002, p. 25), “a experiência requer tempo para pensar, analisar, sentir, suspender a opinião, cultivar atenção, falar sobre o que nos acontece, escutar os outros, ter paciência e dar-se tempo e espaço”. Tais ponderações foram sendo construídas nas entrevistas na medida em que os adultos foram narrando os acontecimentos, ou seja, as cogitações acerca de suas experiências foram apresentadas de forma natural sem interferências do entrevistador ou de pessoas ligadas aos informantes.

A pesquisa de cunho biográfico baseou-se nos pressupostos de que as experiências dos adultos têm um potencial formativo e que o reconhecimento da formação experiencial é presente na vida dos sujeitos que frequentaram ou não a educação formal, desconstruindo a ideia de que os adultos constroem experiências apenas se frequentam a escola e que o processo de formação experiencial é muito semelhante a vida no cotidiano.

As análises das informações obtidas durante os trabalhos auxiliaram o pesquisador a realizar um trabalho crítico. A fase das entrevistas gravadas com adultos entre 27 a 62 de idade foi finalizada em dezembro de 2019, iniciando-se um processo de transcrição e análise dos textos entre janeiro a julho de 2020.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Adultos não escolarizados e pouco escolarizados

Analfabetismo

“A ‘geografia’ do analfabetismo se apresenta como coincidente com a ‘geografia’ da pobreza, da fome, do desemprego” (Canário, 2000, p. 54). Quando o tema do analfabetismo no Brasil é tratado em congressos, fóruns, seminários, entre outros eventos, em geral, é abordado por pesquisadores de grupos específicos de simpatizantes, que se adaptam às condições sociais predominantes de adultos não escolarizados. Contudo, é importante lembrar que o referido problema é um produto da desigualdade social histórica.

Nas reflexões de Trujillo e García (2018, p. 767): *“el Estado y sus instituciones, así como la sociedad en general, no ofrecen realmente respuestas apropiadas a quienes tienen esta condición”*. É evidente que, segundo os autores, o problema do analfabetismo não representa apenas a falta de soluções apresentadas pelo Estado e suas instituições, mas de toda sociedade, que ainda não encontra uma solução eficaz para as dificuldades ocasionadas pela falta de acesso à educação para a maioria da população.

Nas definições de Trujillo e García (2018), as pessoas analfabetas se apresentam para aquelas que desconhecem a codificação e a decodificação do alfabeto escrito, descrevendo-as como pessoas que não podem dominar amplamente o saber ler e escrever. Contudo, essa condição não os impede de se relacionarem com práticas letradas e utilizarem materiais escritos.

Na compreensão dos entrevistados no semiárido pernambucano, identificou-se que todos, de uma forma ou de outra, foram capazes de aprender e dar significado para suas realidades e tinham uma grande experiência no que tange aos conhecimentos empíricos que haviam desenvolvido ao longo de suas vidas. Assim, foram construídas singularidades que auxiliavam no enfrentamento de um mundo complexo que necessita

de letras e números para uma efetiva comunicação.

As definições de analfabetismo variam muito de uma instituição para outra, de um país, de um autor etc. A definição, em geral, significa saber ou não ler e escrever desde os aspectos técnicos até os instrumentos e materiais que são utilizados.

Durante séculos se julgou a escrita e a leitura como um processo de conhecimento especializado, que excluía a maioria da população. Foi trazida para a sociedade a situação de que quem não domina tais técnicas está excluído de todo e qualquer processo de aprendizagem, levando a uma espécie de anormalidade para pessoas que não possuem condições mínimas de leitura e de escrita.

Com relação à influência sobre a sociedade moderna, as questões do analfabetismo implicam a relação de poder, pois Kalman (2004, p. 15) relaciona que:

El analfabetismo es, pues, un fenómeno histórica y culturalmente construido. Implica también relaciones de poder: decir quién sabe leer y escribir y quién no, cuáles saberes son valiosos os inválidos; decidir, según esos saberes, quién puede participar y quién no, son formas de control y autoridad.

A partir dessa percepção de Kalman (2004), pode-se refletir que até meados do século XX e, na atualidade, a escolaridade está atribuída à promoção do emprego e da contribuição do ingresso ao mercado de trabalho, forma mais equitativa assinalada pelo capital humano pós-industrial.

A escola por si mesma já é um sistema que procura se adequar à sistematização do mundo do trabalho, imposta pela sociedade que tem como única e verdadeira a escolarização como resultado de objetivos homogêneos de qualificação dos trabalhadores em geral.

O sistema educacional público e privado procura exigir maior escolaridade dos trabalhadores com o propósito de, no futuro, eles terem maior probabilidade de empregos melhores, o que nem sempre ocasiona os melhores salários, entretanto, é responsável pelo *status* social.

Durante a pesquisa realizada em três localidades do semiárido pernambucano, foi possível identificar, com maior frequência, o abandono aos estudos, algo velado

pelo número de pessoas em processo de escolarização que, por diversos motivos, abandonam a escola.

Outra situação é que o número de pessoas analfabetas está sendo menos frequente entre os mais jovens, embora a desistência represente forte acentuação. Tal condição não só representa um problema que afeta o desenvolvimento intelectual desses jovens, mas protagoniza um ensino-aprendizagem para adultos que não oferece novas perspectivas para alcançar objetivos que os ajudem a entrar em atividades, que não tenham alcance, mas apenas prestígio e melhores condições econômicas.

A não escolarização de parte da população no Brasil e no mundo representa um obstáculo em diversas instituições de ensino e governantes, uma vez que acarreta estigmatizações, exclusões e falta de oportunidades para pessoas adultas.

Ao investigar sobre o analfabetismo, é possível identificar que a condição atual é concebida como uma identificação que se considera com uma atribuição de marginalidade, exclusão ou ainda de condição de vulnerabilidade social.

Quando se fala em condição marginal, se faz referência tanto às origens de lugares sem escolas, condições econômicas e exclusão de gênero, quanto à etnia e idade. Tais condições trazem como consequências as dificuldades de conseguir empregos e acessar direitos fundamentais, o que leva a uma estigmatização social de pessoas sem escolarização que não contribuem para nenhum tipo de desenvolvimento nos lugares em que vivem.

As populações em condição de pobreza são tratadas pelas políticas chamadas inclusivas como grupos de fragilidades e com necessidades múltiplas. As instâncias públicas nem sempre alcançam todos os adultos nas condições de analfabetismo ou de abandono escolar. Não há recursos financeiros que apoiem os indivíduos que não sabem ler ou escrever nem estruturas que forneçam acesso a novas oportunidades de frequentar a escola e oportunidades igualitárias para essas pessoas.

O tratamento de atenção que é oferecido para as pessoas sem escolarização é, em muitas situações, objeto de benevolência, o bem, mediante uma técnica positiva de intervenção e transformação, como qualifica Foucault (2008).

Os programas de alfabetização enfocam como um problema educativo as questões ligadas aos que não puderem participar da educação formal, transferindo para as pessoas sem escolarização que a falta de conhecimento da leitura e escrita os leva a não ter contribuições significativas dentro de uma coletividade crente que apenas o conhecimento por meio da educação formal tem valor na sociedade. Mesmo sem frequentar a escola, as pessoas não ficam isoladas das necessidades múltiplas de integrar as ações de várias instituições, econômicas, empresariais, de saúde. A capacidade do saber é uma forma de atuar e resolver problemas, aprendendo como intervir nos mais diversos fluxos dos eventos sociais de que fazem parte.

Uma outra condição a se levar em conta é que adultos, que não sabem ler e escrever, são respaldados por habilitações práticas do trabalho, apoiados em estratégias de saberes e de habilidades empíricas que muito contribuem para sobrevivência. Tais habilidades, certamente, os ajudam a relacionar o que aprenderam ao longo da vida que, somado aos saberes aprendidos na escola, poderiam lograr novos horizontes.

Alfabetização e educação de adultos

A escolaridade tem sido ampliada nas últimas décadas em países em desenvolvimento, contudo, as chamadas “novas formas de analfabetismo” têm atingido as populações escolarizadas, que apesar de todo esforço realizado pelas mais diversas instituições e Governos e as populações atingidas revelam sérias dificuldades para processar informações escritas, na vida cotidiana e profissional.

Na concepção de Hamadache e Martin (1998, *apud* Canário, 2000, p. 50), o problema da alfabetização se refere a quatro dimensões chave: a primeira é de reconsiderar o problema da alfabetização no quadro mais global da educação permanente e da prevenção de novas modalidades de analfabetismo, mostrando que alfabetizar não representa um momento isolado. Os autores ainda questionam que considerar a alfabetização como um problema dos países em desenvolvimento não é uma solução.

Outra questão apontada é a funcionalidade da alfabetização, cujos debates se alongam desde os anos 1960 e fazem permanecer atual o lema “alfabetizar para quê?”. A última dimensão diz respeito aos esclarecimentos das relações que unem alfabetização e desenvolvimento. Isso implica um reexame crítico das próprias concepções dominantes impostas durante décadas nos países cuja prosperidade depende de altos níveis de escolarização para receber recursos internacionais, sem atentar para o sentido do que realmente é alfabetizar.

Os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) apontam para uma diminuição considerável de analfabetos no Brasil, que era uma das mais altas da América Latina (por volta de 13%). Hoje estes dados apresentam 6,6%, uma situação de declínio após investimentos no setor de educação nos últimos dois decênios.

A alfabetização no Brasil tem sido um desafio histórico desde a primeira escola pública, criada em 1837, até os dias atuais, comprovados com outros dados do Instituto Paulo Montenegro. A ação social do IBOPE, através do Indicador de Alfabetismo Funcional – Inaf, aponta que um em cada quatro brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura, escrita e matemática e que 75% da população não consegue entender um texto simples, mesmo com mais de 25% da população adulta plenamente alfabetizada. O indicador define o analfabetismo como condição daquele que não consegue realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases.

Na estrutura do Inaf, há quatro níveis de alfabetismo: o *nível rudimentar*, que corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos; o *nível básico*, que se entende por aquelas pessoas consideradas alfabetizadas, pois conseguem ler e compreender textos de média extensão, conseguindo localizar informações; o *nível pleno*, sendo classificadas neste nível as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: leem textos mais longos, analisando e relacionando suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses.

Na Educação de Adultos, é comum a existência do nível rudimentar de alfabetização mesmo nos anos finais do Ensino Básico, uma vez que o grau de escolaridade nem sempre condiz com o nível de aprendizagem esperado para a série em que estão matriculados.

Outra condição que se apresenta neste relatório é de adultos que nunca tiveram acesso à educação formal, no entanto, obtiveram suas experiências de alfabetização relacionadas à aprendizagem de frases soltas ou de identificação de códigos linguísticos com familiares, levando a condições de realização da comunicação escrita elementar exigidas em tarefas das profissões que exerciam.

Aprender a ler e escrever tem sido para os adultos em processo de escolarização um desafio, em razão de uma imposição da sociedade moderna, que, para incluir os indivíduos nas atividades mais simples, exige uma compreensão mínima de leitura e de escrita.

Na compreensão de Goulart (2014), aprender a ler e escrever é uma questão de inclusão social e política, assim como corrobora o pensamento Freiriano, que demonstra que a alfabetização é um ato político e de liberdade e que o Brasil tem apresentado dificuldades em efetivar esses processos de forma a transformar a condição de cidadania como um todo.

A alfabetização de adultos no país tem sido destacada por controvérsias de pesquisadores e de projetos não bem-sucedidos. O exemplo disto é o desempenho de parte das pessoas de maior idade que chegam à escola sem o domínio esperado da leitura e da escrita. As evidências das dificuldades nas modalidades são notáveis nos estudantes oriundos de famílias que não apresentam familiaridade com a cultura escrita, principalmente, nos grupos de trabalhadores domésticos, do campo e de atividades menos favorecidas no mercado formal de trabalho.

Os educadores justificam a dificuldade na alfabetização de adultos pela problemática da compreensão de que algo está errado com eles, porque foge da expectativa criada pela escola de que o único lugar em que os sujeitos aprendem é no ambiente escolar, sem levar em conta que a expropriação vai além da leitura e da

escrita, pois o ensino-aprendizagem desses indivíduos é construído a partir de suas próprias experiências ao longo da vida.

Formação experiencial

A teoria da formação experiencial consiste em uma abordagem sobre o desenvolvimento do adulto. Trata-se de uma análise do percurso permanente de aprendizagem em que o indivíduo pode se apropriar de suas experiências não só no campo profissional, mas em toda sua vida. Na formação experiencial, os princípios básicos dessa perspectiva vão refletir sobre os tipos de processos de aprendizagem ligados com afetividade, percepções, situações cognitivas e comportamentais.

Kolb (1984) ressalta que aprender pela experiência não significa que qualquer vivência propicie aprendizagem; é importante que os sujeitos saibam se apropriar dos saberes anteriormente adquiridos pelas experiências de vida e que tais procedimentos demandam processos contínuos de ação e de reflexão consciente do próprio indivíduo. Ou seja, uma pessoa aprende motivada pelos seus próprios propósitos, empenhando-se deliberadamente na obtenção de aprendizado que lhe faça sentido. Esta definição enfatiza que o conhecimento é um processo de transformação, sendo continuamente criado e recriado.

Na perspectiva da formação experiencial de Kolb, é possível identificar que esta não se efetua apenas no plano cognitivo, nos sentimentos, nas emoções, nos afetos, na percepção dos acontecimentos e em ações. Nesse tipo de aprendizagem, se enfatiza a interdependência entre características internas do ser aprendente e as circunstâncias externas do ambiente, que se encontram entre o conhecimento de origem pessoal e social.

Na avaliação de Pimentel (2007), “A aprendizagem é individual na medida em que toda ação educativa é uma libertação de forças, tendências e impulsos existentes no indivíduo, elementos volitivos de direção e de orientação da atividade” (p.160). A continuidade das experiências se soma aos conhecimentos adquiridos na vida social, até porque a aprendizagem não se limita somente a livros, fórmulas matemáticas

ou sistemas filosóficos. Para a autora, requer acima de tudo uma relação entre as pessoas da forma mais interativa possível.

Os adultos entrevistados do semiárido pernambucano, além de obterem boas relações sociais, tão importantes para a vida em sociedade, construíram ao longo da vida processos de aprendizagens que vão além dos espaços escolares. Em alguns casos, muitos nem sequer haviam frequentado a escola, contudo, aprenderam profissões com seus pais, amigos e pessoas ligadas ao convívio social, levando cada um a suas próprias experiências profissionais nas mais diversas áreas.

Nas entrevistas foi capaz de identificar que as experiências de cada entrevistado foram resultadas de reflexões sobre histórias que marcaram suas vidas, Cavaco (2009, p. 221) aponta que neste aspecto que “a experiência, à semelhança da vida, vive-se, sem que ocorra, quotidianamente, um processo de análise e reflexão consciente do vivido”.

É nesse campo que se pode apontar outras formas de aprendizagens que estão inseridas na sociedade, como é o caso da educação informal, caracterizada pela flexibilização de horários, programas locais, trabalhos voluntários etc.

Nas análises de Cavaco (2001), a educação informal se encontra presente em situações singulares que correspondem a todas as situações potencialmente educativas, mesmo que os indivíduos não as percebam, visto que, em algumas situações de aprendizagem, não estejam diretamente ligadas às condições exigidas pela escola.

A autora enfatiza também que a educação informal ocorre nas situações ao longo da vida, por meio das quais cada pessoa adquire e acumula conhecimentos, tornando-se capaz de realizar atitudes que as leve à interação com o meio ambiente, tanto em casa, entre amigos, familiares, como no trabalho.

A formação experiencial e a educação informal formam uma cadeia de condições de aprendizagens que atuam em um contínuo de conhecimentos em que o indivíduo aprende pela interação de situações ao longo de sua existência, podendo

ser construídas por atividades compreensivas na ocasião de um acontecimento, em uma situação na qual o adulto aprende pela interação com ele mesmo ou com os outros.

O reconhecimento das aprendizagens adquiridas ao longo da vida é um processo que envolve os mais diversos meios de conhecimentos práticos e, por não estar atrelado aos conhecimentos protagonizados pela escola, não há um reconhecimento social.

Cavaco (2001, p. 59) enfatiza que na educação informal: “Os conteúdos estão organizados em função de uma lógica de ação e não de uma aprendizagem”. Na educação informal, denota-se uma grande implicação do indivíduo porque há uma forte ligação à vida social e política.

Outras situações das análises sobre as reflexões apresentadas são que os adultos aprendem ao longo de suas trajetórias de vida, a partir de uma diversidade de espaços/tempo de aprendizagem, para além dos contextos formais de educação e que os conhecimentos adquiridos, de maneira informal, decorrem das experiências e das vivências efetuadas, aquelas que o sujeito aprende consigo mesmo, com os outros e com as coisas.

Pressupondo-se que a educação informal seja um processo de exploração e compreensão, de tomada de consciência e de integração entre o meio social em que vive ele próprio, é por meio das experiências que o sujeito estabelece a sua relação com o mundo, com os outros e as coisas e se constrói em si mesmo.

É necessário identificar, por um lado, quais as experiências formadoras do itinerário de vida dos sujeitos e procurar, por outro lado, relação entre os saberes que se adquirem formalmente e os construídos em situações experienciais, porque esses se somam.

Nesse sentido, este relatório valoriza a importância das abordagens biográficas e das histórias de vida como instrumentos para a tomada de consciência e valorização das aprendizagens experienciais, inseridos em contextos de formação contínua de adultos.

Com relação à educação formal, sua base se encontra nos moldes instituídos pela escola, que permite, enquanto instituição, a formalização dos conhecimentos, a partir de conteúdos específicos, tanto na formação inicial como em todo processo de formação do cidadão.

Nesse processo, os conhecimentos adquiridos durante a permanência na escola buscam compreender as informações de forma organizada, por meio de programas e de conteúdo, sem levar em consideração as experiências adquiridas ao longo da vida pelos alunos e sem levar em consideração que as experiências assimiladas ao longo da vida podem contribuir para um conjunto de aprendizagens adquiridas, tanto no meio social como na escola, que podem se completar.

A formação experiencial é um resultado da interpretação que o sujeito tem sobre si mesmo, interação com os outros ao longo da vida, o que podemos afirmar como um patrimônio das experiências construídas constantes na vida social, no trabalho, no lazer e na escola.

Na formação experiencial se faz importante apontar que todo movimento de educação é permanente, principalmente quando se trata de adultos que constroem suas próprias histórias de vida e que estão inseridos em um processo de uma aprendizagem ativa e contínua, que envolvem as emoções, os sentimentos nas relações com o trabalho, contribuindo que de uma forma ou de outra trazem experiências significativas.

Para Jobert (1991, p. 75) “a experiência é o que é constituído ao longo do tempo, individual e coletivamente, na intimidade das pessoas, no seu corpo, na sua inteligência, no seu imaginário, na sua sensibilidade, na sua confrontação quotidiana com a realidade e com a necessidade de resolver problemas de toda a natureza”.

ANÁLISE DE DADOS EMPÍRICOS

Tais reflexões apontadas pelos adultos durante as entrevistas relatam dificuldades de aprendizagem no processo de formação na escola, somando-se a um contexto de pura sobrevivência em lugares cujas oportunidades são cada vez menores.

Outro ponto a ser discutido durante os trabalhos é que, embora as famílias estivessem próximas umas das outras, as perspectivas da realidade se contradiziam com a realidade esperada por cada grupo familiar. Contudo, no âmbito das relações entre os domínios, esses foram semelhantes em relação com o saber, a importância da escola e as dificuldades enfrentadas. Inês (2009) destaca que, embora existam diferentes percepções dos saberes, há uma consistência entre o indivíduo e o contexto. Dessa forma, em diversas situações serão encontradas apresentações relatadas em grupos diferenciados que remetem a um só discurso.

Os próximos relatos sintetizam informações acerca das experiências adquiridas ao longo da vida de adultos residentes na zona rural da cidade de Ouricuri no estado de Pernambuco – Brasil. Tais depoimentos foram coletados através das entrevistas biográficas de forma sistêmica e se deram pela necessidade de compreender o percurso de vida dos entrevistados, buscando identificar alguns elementos que se apresentam em diversos percursos. Nesta apresentação dos dados, é possível estabelecer respostas às perguntas que orientaram a investigação, que foram: 1) como as experiências de um grupo de adultos podem ter sido satisfatórias durante o percurso escolar?; 2) quais foram as expectativas geradas a partir da possibilidade de realizar ou não a educação formal?; 3) quais condições levam a acreditar na possibilidade de uma melhor condição de vida, caso esses sujeitos tivessem finalizado os estudos na Educação Básica? Os depoimentos apresentados pelos entrevistados oferecem elementos que facilitam as análises em torno dos levantamentos realizados neste relatório.

Entrevistada 1 tem 65 anos e desde os 07 anos aprendeu a plantar e colher feijão e milho com seus pais. Nunca teve oportunidade de realizar outra profissão

além de ser agricultora, viúva de um agricultor; ela sempre dependeu dos plantios que realizava para sustento de sua família em períodos curtos de chuvas. Enfrentou grande secas na região e teve, muitas vezes, toda plantação perdida pelas grandes estiagens. As experiências de vida da Entrevistada são de muita escassez financeira e dificuldade em criar as quatro filhas, que hoje são adultas e já não vivem mais com ela por falta de oportunidade de trabalho na região. A entrevistada apresentou-se com muito otimismo em relação ao convívio com a situação, demonstrando sempre que, embora tenha hoje uma aposentadoria, ainda consegue elaborar pequenas atividades domésticas e continua a acreditar que a esperança de dias melhores pode ser fruto de atividades laborais e de participação ativa na educação formal que conseguiu oferecer as suas filhas. Notou-se durante as indagações realizadas nas entrevistas que a agricultora estabelece uma relação entre o que conseguiu realizar até os dias atuais e como a situação econômica e social dela e da família poderia ser diferente se tivesse frequentado a educação formal.

Entrevistada 2 tem 62 anos, é agricultora e costureira e teve seu primeiro trabalho desde criança nas plantações de feijão e milho, limpando e recolhendo o produto junto aos seus pais e irmãos. Relatou que não havia outra opção de trabalho a não ser aquele realizado desde os cinco anos de idade, período em que eram aprendidas as primeiras atividades relativas aos plantios em tempo de chuvas que são consideradas escassas em alguns anos. Destacou que as condições em que trabalhavam eram sempre as mesmas, utilizando-se em algumas situações de ferramentas obsoletas ou das próprias mãos para realização dos trabalhos. Não havia horário certo para início das atividades e a luz do sol era tomada como referência de um dia trabalhado. No relato, percebe-se que aprendeu a costurar após seus 40 anos, desconhecendo as letras e os números, mas definindo os cortes dos tecidos observando os tamanhos das roupas e os tipos de tecidos. Destacou que, devido à necessidade de garantir as primeiras clientelas, realizou apenas consertos. Depois de alguns anos, conseguiu realizar medidas mais precisas utilizando a fita métrica; aprendeu as quatro operações matemáticas com uma amiga para que assim pudesse realizar a cobrança dos trabalhos realizados. Com a nova profissão, realizou alguns

objetivos, como a construção de sua própria casa e alguns utensílios domésticos que sonhou em ter na vida. Segundo a Entrevistada 2, a condição menos precária vivida anteriormente auxiliou na criação de seus dois filhos, até porque assumiu as responsabilidades financeiras da família em determinados momentos. A entrevistada considera que, se tivesse a oportunidade que os jovens da região têm hoje de acesso à educação formal, seria possível viver em condições econômicas e sociais bem melhores, porque acredita na transformação das pessoas a partir dos conhecimentos adquiridos na educação formal.

Entrevistada 3 tem 56 anos, moradora da região, agricultora, menciona que seu primeiro trabalho foi na plantação de legumes e que todo núcleo familiar sempre exerceu atividades agrícolas até os dias atuais. Ela sempre acreditou na transformação dos sujeitos que tivessem a oportunidade de frequentar a educação formal, chegando a realizar o sonho de estudar em uma escola municipal localizada na região em que viveu durante toda a vida. A experiência da Entrevistada 3 durante o período em que esteve na escola é sempre relatada com muita empolgação, dando-se a entender que todo momento de participação no período escolar foi de grandes desafios de aprendizagens na maioria das disciplinas ofertadas. A carência nas condições de ensino da escola para a agricultura não eram um obstáculo porque o que mais importava era a construção de saberes que a levariam a outra condição de vida. Para a Entrevistada 3, participar das atividades escolares e conseguir um diploma era ter uma profissão mais qualificada e poder ter acesso à Universidade. Contudo, relatou que não houve novas oportunidades de tempo e teve que optar em trabalhar na lavoura e continuar os estudos, até porque a escola que era destinada aos adultos havia sido desativada e continuar estudando à noite seria uma problemática porque dependeria de transporte. A própria exaustão do trabalho durante o dia na lavoura não favorecia a concentração durante as aulas.

A Entrevistada 3 manifestou em sua fala que se no passado tivesse oportunidade de continuar a escolarização, certamente, teria outras condições de vida. Outras informações que a informante traz são a plena consciência da importância que sua profissão atual tem para sociedade, pois ela relata, em alguns momentos, que ser

agricultora é contribuir com a alimentação não só para população local, mas também para várias regiões do país. Nota-se que há uma relação entre o que se produz na profissão e a relação com saber, ou seja, a importância que a escola pode oferecer a todos que a frequentam e a consequência que isso pode ocasionar, quando não se têm novas possibilidades construídas através de novas condições de estudo e trabalho.

Entrevistada 4 tem 39 anos e declara que seu primeiro trabalho foi como doméstica e que, na época, tinha entre 13 e 14 anos, mas lembrava perfeitamente das primeiras atividades que realizou. Em dado momento, ela demonstrou que as habilidades adquiridas antes de conseguir o primeiro emprego já eram desenvolvidas no ambiente familiar e que não havia relação de trabalho que a levasse a conversar com ninguém. Com a profissão que exercia e as condições da proprietária da casa na qual trabalhava, não dispunha de condições econômicas para pagar outra pessoa. As relações do primeiro emprego aconteceram também através de contatos com pessoas ligadas às amigas que tinha. Relatou também que não chegava a receber um salário-mínimo nacional, não tinha nenhum tipo de contrato e trabalhava mais de oito horas por dia e que, mesmo sendo adolescente, teve suas primeiras experiências como cuidadora de uma criança, algo que a deixou surpresa no momento em que esteve exercendo a primeira profissão. Outra condição que chamou a atenção foram as dificuldades que teve para se adaptar ao novo ambiente, sendo ela uma adolescente que saiu de casa para enfrentar uma situação nova por necessidades econômicas. Ela faz um resgate de todas as suas experiências nos mais diversos trabalhos e retrata as condições de pobreza e da superação das dificuldades enfrentadas durante o processo de aprendizagem que teve ao longo da vida. Teve oportunidade de frequentar os primeiros anos da Educação Básica, contudo, abandonou a escola ao se casar com um agricultor que não incentivou sua permanência no ambiente escolar alguns meses após a realização do casamento. Entrevistada 4 demonstrou uma gratidão ao tempo que esteve na educação formal, acreditando que poderia alcançar novos objetivos se houvesse finalizado pelo menos a Educação Básica. Entrevistada 5 tem 30 anos, é costureira e evidencia em seus depoimentos que não teve grande

oportunidade de criar um círculo de amizade, uma vez que, desde os 10 anos de idade, já trabalhava com sua irmã na confecção de roupas para pessoas da comunidade em que permanece até hoje. Não demonstrou nenhuma relação de aprendizagem com a escola e relatou, durante toda entrevista, que gostava do primeiro trabalho e que, atualmente, tem seu próprio negócio, uma lanchonete, e ainda continua exercendo sua profissão inicial, realizando apenas pequenos consertos de roupas masculinas. Ela foi uma das poucas mulheres que conseguiu sobressair em outras atividades; a maioria não deixou a atividade inicial de trabalho no campo.

Entrevistada 6 tem 27 anos, é cozinheira profissional e aprendeu o ofício em casa junto aos familiares, atuantes na cozinha industrial existente no centro urbano do lugar onde vive. Aos 12 anos, já auxiliava os parentes na venda de comida para a população circunvizinha do local onde nasceu e vive até hoje. A entrevistada afirma que sempre foi o seu maior afazer trabalhar e desenvolver atividades profissionais voltadas a alimentar o público externo. Ela ainda relatou que a profissão surgiu a partir do interesse em realizar um sonho de ser uma profissional na área de alimentos e que teve o maior incentivo no ambiente familiar. Ela ainda demonstra ter um espírito empreendedor porque, aos finais de semana, investe em seu próprio negócio de entrega de alimentos aos moradores da comunidade local, demonstra que o fato de frequentar a escola até o nono ano foi essencial para adquirir conhecimentos básicos da língua portuguesa e de matemática, embora descreva que a melhor disciplina que estudou tenha sido ciências. Em relação aos saberes adquiridos ao longo da vida, Margarida revela que muito aprendeu nas capacitações oferecidas pela empresa e que tais oportunidades ajudaram-na a enfrentar as dificuldades financeiras durante muitos anos. Ela reconhece que, em parte, o mérito de ter frequentado o ensino formal por um período curto a ajudou a ter um ofício que desejou durante toda vida. Confessa que a escola é um ambiente que pode proporcionar novas oportunidades e que não pôde dar continuidade aos estudos devido à falta de escolas municipais que oferecessem continuidade para finalização na Educação Básica.

Entrevistada 7 tem 53 anos, é doméstica e foi criada em família de agricultores. Ela iniciou suas primeiras atividades aos 6 anos, no entanto, ao completar 13 anos

foi trabalhar em casa de família, apesar de não gostar da primeira experiência profissional por ser adolescente e ter por objetivo concluir a Educação Básica no intuito de alcançar o nível superior. Infelizmente, só conseguiu entrar na escola aos 25 anos de idade na modalidade da Educação de Jovens e Adultos – EJA em uma instituição próxima à casa onde mora até os dias atuais. Alfabetizou-se na fase adulta, concluindo o Ensino Fundamental em um programa de aceleração de escolaridade para Adultos do Governo Federal, o que reduziu a permanência de 9 para 4 anos. Nos depoimentos apresentados, Rita recorda que o maior desejo era finalizar os estudos na Educação Básica e realizar o sonho de ser dentista, contudo, as dificuldades em ter que trabalhar de forma exaustiva por mais de 12 horas seguidas a impediram de continuar na escola. Nas narrações dos fatos ocorridos durante o percurso de vida, a entrevistada centraliza a ideia de que suas expectativas de um futuro promissor se encontram no avanço intelectual dos 3 filhos e que o trabalho realizado durante toda vida é resultado das conquistas realizadas pelos filhos, ou seja, Ela espera que as conquistas não realizadas de forma pessoal sejam agora realizadas por sua prole.

Entrevistado 8 tem 27 anos, é trabalhador da construção civil e narra que, aos 10 anos, vendia pequenos produtos na zona urbana da cidade de Ouricuri e que, embora sua vida tenha sido no campo, nunca havia trabalhado na agricultura e que as melhores oportunidades surgiram a partir da migração de sua família para cidade de São Paulo – capital, logo após toda família migrar para o sudeste do país. O pedreiro afirma que as experiências como contratado foram na construção civil, a princípio trabalhando como ajudante de seus familiares que atuavam em uma grande empresa. Depois de atingir diversas experiências na construção civil, alcançou o objetivo de ser mestre de obras em outras empresas, tendo a oportunidade de viajar a outros estados para realizar trabalhos relacionados à profissão escolhida. Após 5 anos de tentativas e desilusões de continuar os estudos na metrópole, retornou à cidade natal a fim de continuar na mesma profissão e finalizar a Educação Básica. Sem perspectivas de melhores condições de alinhar os horários noturnos da escola e com a dificuldade de locomoção para a zona urbana, desistiu de sua formação para se dedicar à família e à profissão.

Entrevistada 9 tem 35 anos, é doméstica e, ao ser entrevistada, apresenta relatos que caracteriza como isolamento na profissão que exerce desde os 12 anos de idade e que a escola proporciona a interação entre as pessoas. Ao participar das atividades escolares, adquiriu por um período de sua vida anseio em alcançar melhores trabalhos e, conseqüentemente, uma profissão que pudesse mudar as dificuldades que enfrenta até hoje. A doméstica salientou que, durante 4 anos consecutivos, tentou finalizar a Educação Básica. Ainda assim, não obteve sucesso porque, como relatado por outras entrevistadas, a profissão não favorece a intensa jornada de trabalho que se estende por 12 horas contínuas. Nas condições que ela relata, é possível entender que ela acredita na transformação através da educação e que, em dado momento da vida, até tentou exercer outras profissões que pudessem facilitar a continuidade da Educação Básica. Porém, as condições precárias de trabalho e os salários mais baixos não deixaram que ela fizesse outras escolhas.

Entrevistada 10 tem 37 anos, é atendente de balcão e faz parte de um pequeno grupo de entrevistados(as) que completou a Educação Básica. Durante todas as entrevistas, menciona a importância das experiências adquiridas ao longo da vida e evidencia suas experiências adquiridas na escola, salientando o papel da educação formal em sua vida, das relações sociais que viveu e das frustrações que teve ao não poder continuar em uma universidade, uma vez que existem poucas oportunidades de cursos superiores na região e o curso que sempre desejou nunca foi implantado na região. Na fala dela, é possível observar que a probabilidade de continuar os estudos é mínima devido às condições de deslocamento e da própria subsistência na cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco.

Entrevistado 11 tem 42 anos, é vendedor autônomo e começou a desempenhar suas atividades laborais aos 8 anos, sem nenhum de tipo de contrato, como vendedor de picolé nas feiras e calçadas da localidade onde viveu por toda vida. Do grupo entrevistado, foi o único homem a finalizar a Educação Básica na idade prevista de 17 anos. Sempre estudou e trabalhou, algo que se orgulha muito de ter realizado simultaneamente; define a educação formal como prioridade em sua vida e de seus filhos. Apesar de não ter continuado os estudos no ambiente universitário, ele relaciona

a experiência vivida na escola à melhor condição de vida que tem hoje e acredita que o sucesso nas vendas de produtos de limpeza se deu pelo sucesso alcançado durante a permanência na escola até o final do Ensino Básico.

Contexto de investigação

Entender como se encontram populações rurais, em especial, as de Ouricuri, é refletir que o desenvolvimento de uma região demanda a formação crítica intelectual, não só das maiorias, mas de minorias que produzem o sustento próprio e das classes mais privilegiadas economicamente.

Muitas das sub-regiões do estado de Pernambuco e do país se ressentem de profunda e extensa carência de educação de base, com um número surpreendente dos chamados professores leigos, despreparados para participar da educação de adultos nas escolas da zona rural. Estes docentes, em sua maioria, sequer tiveram disciplinas nos Cursos Superiores sobre o tema, o que faz com que abandonem as turmas ou lecionem conteúdos direcionados para adolescentes, infantilizando a aprendizagem, levando conseqüentemente para uma evasão escolar com maior intensidade.

Os dados foram coletados em três momentos diferentes. O primeiro encontro com os adultos ocorreu a partir de conversas informais, observando as condições de escolarização de cada família e recolhendo informações acerca dos relatos de vida de cada grupo. Trata-se de um período de familiarização entre a realidade nova que o pesquisador e os entrevistados passaram a ter com as primeiras visitas aos locais escolhidos para pesquisa.

No segundo momento, foram catalogadas as famílias que iriam ser entrevistadas, observando o voluntarismo de algumas pessoas para descrever suas próprias experiências.

Houve diversos momentos de escuta dos relatos orais dos adultos, pois, a intenção foi identificar as inquietudes dos entrevistados. Nos momentos de descontração, foram construídos relatos mais claros e objetivos, ajudando o pesquisador a dividir os temas em domínios específicos para que se criasse uma melhor interpretação dos

futuros dados empíricos.

Os eixos escolhidos foram inspirados na dissertação da Profa. Dra. Carmen Cavaco, em pesquisa realizada em 2001, intitulada: “Processo de Formação de Adultos não Escolarizados – a educação informal e a formação experiencial”. Recorreu-se aos “domínios” utilizados pela autora que são: percurso profissional, contexto familiar, percurso social, visão do mundo.

Durante os encontros com os adultos, notou-se a indispensabilidade de acrescentar o “percurso escolar”, em função do contexto em que estavam inseridos os entrevistados, pois existia uma menor quantidade de pessoas não escolarizadas, um número maior de pessoas que, em algum momento, tiveram acesso à educação formal, tendo um número maior de abandono e uma menor efetivação nos anos finais da Educação Básica.

Eixo 1. Percurso escolar

As entrevistas realizadas com onze adultos no semiárido brasileiro trouxeram algumas considerações acerca do percurso escolar de cada um e do grupo. Nas repercussões das narrativas, observou-se que, entre as dificuldades encontradas durante o percurso escolar, podem ser apontadas a falta de escolas que ofertassem a Educação Básica na região, as condições econômicas e dos pais que tinham baixos salários, vivendo deste modo abaixo da linha de pobreza durante todo percurso de vida.

Constatou-se ainda que os adultos contribuem para formação dos jovens de forma direta ou indireta, tendo uma participação efetiva na educação formal e que tais mudanças são reflexos de um desenvolvimento afetivo entre pais e netos, existindo no núcleo familiar a percepção de que a escolarização é o caminho para obtenção de novas conquistas, seja na questão intelectual seja no meio profissional.

É fato que os adultos entrevistados participam atualmente da Educação Formal de seus familiares porque conseguem discernir por suas próprias experiências a falta de benefícios oferecidos ao concluir ou nunca terem participado de uma educação

básica que os ajudasse a construir novas possibilidades de vida.

Nas exposições apresentadas durante as entrevistas, percebe-se a presença de um discurso que exalta a importância da Educação Formal como um caminho para superação dos problemas vividos pelos adultos. Isso fortalece a ideia de fomentar aos mais jovens o valor dos conhecimentos adquiridos na Educação Formal e os auxilia a melhores condições de vida.

A perspectiva holística apontada por Kolb é presente na fala dos entrevistados, principalmente aos que percebem que a melhoria da qualificação profissional depende apenas de uma melhor formação e que, nesse sentido, a Educação Formal é a única que pode oferecer tais condições.

Todos os entrevistados demonstram que a participação na Educação Formal auxilia na construção de uma qualificação melhor e que proporciona novas possibilidades de conceber profissões que, para eles, são de maior prestígio na sociedade e que alcançam melhores salários e condições de vida mais digna.

A integração entre os mais jovens, a comunicação via internet e a visão de mundo construída por experiências ao longo da vida dos adultos trouxe aos entrevistados outras perspectivas acerca da diferença entre a falta de oportunidades de frequentar a escola e a participação que os filhos e netos devem ter na construção de um novo caminho que seja diferente das gerações que não tiveram as mesmas oportunidades de escolarização.

Com relação ao abandono da escola, houve dificuldade de compreender o papel que ela desempenha em cada comunidade, segundo as exposições dos adultos e dos profissionais de ensino que participavam das poucas instituições presentes durante um curto período nas localidades. Esses sujeitos não mantinham um vínculo afetivo com os moradores, demonstrando a presença de dois mundos diferentes, um que os adultos viviam e outro apresentado pelos Educadores, fato este que se perpetua até hoje na região.

O distanciamento entre a escola e as comunidades resulta na separação entre os conhecimentos preestabelecidos em programas didáticos e os desconhecimentos

de saberes e experiências adquiridos pelos adultos durante o percurso ao longo da vida, que podem auxiliar na construção de uma formação que tenha mais sentido para os estudantes.

Segundo Kolb (1984, p. 20-21) os saberes procedentes da experiência demandam processos contínuos de ação e reflexão, ou seja:

[...] o homem é um ser integrado ao meio natural e cultural, capaz de aprender a partir de sua experiência; mais precisamente, da reflexão consciente sobre ela. Uma pessoa aprende motivada por seus próprios propósitos, isto é, empenha-se deliberadamente na obtenção de aprendizado que lhe faça sentido.

Kolb (1984) enfatiza que a interdependência entre características internas do aprendente resulta em conhecimento pessoal e social. No caso dos adultos participantes da pesquisa, que tiveram a chance de frequentar a Educação Formal, poucos se apropriaram das oportunidades de reconhecer as potencialidades individuais. Potencialidades porque a escola sempre esteve em caminhos diferenciados quando se trata de reconhecimentos individuais e coletivos que valorizem os saberes e as experiências adquiridos fora do ambiente escolar.

É interessante ressaltar que os adultos não-escolarizados demonstraram, em algum momento, reconhecer códigos linguísticos e matemáticos. Embora não tivessem frequentado a escola, tais identificações foram resultados de ensinamentos dos filhos, ampliando-se as chances de realizarem afazeres que exigissem operações básicas de matemática ou leitura de palavras soltas.

A descrição daqueles que frequentaram a Educação Formal por um curto período retrata os avanços alcançados por eles em profissões que os ajudaram a ter melhores salários. Embora as condições econômicas anteriores tenham sido afetadas durante um longo período de vida, os conhecimentos adquiridos na Educação Formal proporcionaram algumas profissões que resultam em uma melhor qualidade de vida.

Aos que tiveram oportunidade de frequentar a escolar e concluir a Educação Básica, é interessante apontar que, em alguns casos, os resultados podem ser visíveis ao relatarem posições em novas profissões, como é o caso de adultos que se especializaram em cozinha industrial, costureiras, entre outros.

Das nove mulheres participantes das entrevistas, todas alegaram que a desistência de obter a Educação Básica foi resultado das obrigações do lar e da necessidade de trabalhar para sustentar a família e criar os filhos.

As ideias apresentadas pelas mulheres demonstram que estão expostas à excessiva carga horária de trabalho e das responsabilidades dos custos financeiros da prole. Tamanha responsabilidade e cansaço físico não auxiliaram na presença do público feminino em sala de aula noturna em escolas com pouca estrutura e distantes de seus lares.

Os homens entrevistados tiveram melhor escolarização; entre os dois entrevistados, um teve que interromper seus estudos por motivo de mobilização da família para o sudeste do país e o outro finalizou a Educação Básica, porém optou por não realizar estudos universitários, acreditando que não é necessária uma educação superior para desempenhar suas atividades na construção civil.

Nos resultados observados que tratam do eixo Percurso Escolar, é interessante apontar que os relacionamentos interpessoais dos adultos se somam aos incentivos da família e dos amigos a alcançarem uma boa escolarização e formação pessoal, exaltando o papel da escola na sociedade e a importância do desenvolvimento intelectual dos mais próximos.

As gerações anteriores conservadoras tinham como fruto único de acesso ao bem comum apenas atividades na agricultura e a superação de condições de precariedade de acesso à escola. Isso era fruto de uma experiência individual, que rompia um círculo de dificuldades. Com o acesso às informações via internet e a disponibilidade de escolas do ensino infantil aos filhos, foi aflorada a percepção interpessoal dos adultos de que o caminho que a Educação Formal possibilita traz resultados positivos na formação de todos.

A percepção Interpessoal dos entrevistados demonstra que as análises do tema são fruto de um amadurecimento, de uma experiência de vida e de ponderações acerca da construção da formação não só individual, mas de todos que vivem nas comunidades pesquisadas.

A concepção interpessoal dos adultos nos auxiliou a perceber que a interação pessoal e social é basicamente conservadora quando se trata de continuar os estudos, contudo, é progressista quando se reflete ao outro. Ou seja, o incentivo à participação da Educação Formal entre filhos e netos é pontuada como um espelho do que eles desejaram durante toda vida, no entanto, não obtiveram êxito por diversos motivos.

Na concepção de Kolb, Rubin e James (1990), nestes casos há uma interação social conservadora dos sujeitos porque eles ainda preservam os padrões de interação social vividos durante o percurso de vida e, ao demonstrarem interesse pela formação educacional, revelam o potencial de serem autônomos em suas decisões atuais, alimentando as gerações futuras a não permanecerem nas situações que viveram ou vivenciaram.

É possível identificar nas narrativas dos adultos o distanciamento ainda existente entre a escola e a comunidade, pois a expressão do conceito de aprendizagem não parece ser relevante em um dado momento da vida e só após experiências apontadas por eles é que conseguem observar tal importância.

Nas avaliações de Kolb, Rubin e James (1990, p. 37), “O conceito de aprendizagem raramente nos parece relevante em nossa vida ou em nosso trabalho diário. No entanto, um momento de reflexão mais profunda diz-nos que “isso não pode ser dessa maneira”, principalmente nas constantes mudanças que o mundo sofre. Em um tempo no qual poucos homens terminarão suas carreiras nos mesmos empregos ou até nas mesmas ocupações que começaram, a capacidade de aprender é uma importante habilidade.

Eixo 2. Contexto familiar

As entrevistas relacionadas ao contexto familiar levaram os adultos a não aprofundarem os diálogos, tendo em vista as relações próximas com outros entrevistados, inclusive no que diz respeito aos laços familiares que foram construídos durante décadas entre eles, resultados de casamentos realizados entre um núcleo familiar e outro.

Os aspectos referentes à convivência entre os pais, os lugares onde trabalharam ou que ainda continuam a trabalhar e as conversas que tinham durante as atividades laborais foram descritos pelos adultos com certa cautela. As mulheres representam a maioria dos entrevistados e têm o papel dos maridos e companheiros como controladores de algumas situações de fala tanto delas quanto dos filhos, principalmente, quando se referem às condições de vida no passado que, para elas, foram restritas quando desejavam realizar atividades além do fazer doméstico ou trabalhar em atividades no campo.

As manifestações dos adultos relacionadas ao contexto familiar retratam duas condições: a primeira é respaldada por pessoas que não sabem ler ou escrever e que incentivam os filhos e netos a desconstruir a ideia de que o único meio para a sobrevivência deles seria o trabalho no campo; para esses homens e mulheres, o caminho mais promissor seria a oportunidade de frequentar a escola e ter uma profissão. A segunda seria a finalização da Educação Básica para aquelas mulheres cuja dedicação à família tornou-se quase um elemento de obrigatoriedade em toda vida.

Embora os adultos tivessem alcançado outras profissões ao longo da vida, todos vieram de famílias de agricultores e, durante a infância, estiveram envolvidos em atividades no campo, limitando-se aos relacionamentos apenas com os agricultores da região, que, em muitas situações, eram parentes que utilizavam a agricultura familiar como único meio de sobrevivência.

O acesso à comunicação via internet nas comunidades pesquisadas foi um dos pontos mais ressaltados durante as entrevistas, uma vez que a facilidade de comunicação entre os parentes e o acompanhamento de algumas atividades escolares das crianças levaram os adultos pouco escolarizados a interagirem por meio de uma escrita mais expressiva e de leitura de textos com maior frequência.

Nos diálogos, é possível identificar que as relações de amizade foram restritas pelo distanciamento geográfico e pela excessiva carga horária de trabalho no campo, o que os impossibilitava de realizar reuniões com outros membros das localidades.

Ao realizar as entrevistas no contexto familiar, é possível identificar, entre os adultos, uma certa subjetividade ao falar de temas que envolvem questões familiares, pois a capacidade de memorização e a argumentação sobre alguns fatos deriva, em grande parte, das relações de amizade, amor, sofrimento e alegria. Tais situações se entrelaçam nas relações com pessoas relacionadas não apenas com um único núcleo familiar, mas com a maioria das famílias na região. Como a maior parte realizou casamentos entre amigos mais próximos, os grupos familiares estão ligados de uma forma direta ou indireta, o que faz os adultos não falarem de situações que envolvam sujeitos que têm, além das relações familiares, uma certa empatia e respeito pelos mais próximos.

Para Ferraroti (como citado em Cavaco, 2018),

A nossa capacidade de memorização e de argumentação deriva, em grande parte, da subjetividade, assim como a linguagem, a criatividade, a amizade, o amor, o sofrimento e a alegria. Sem subjetividade, não haveria conhecimento, não haveria história, nem cultura. Por isso o homem não seria como o conhecemos atualmente, sem a sua subjetividade. Reconhecer a subjetividade do ser humano é reconhecer as suas capacidades, os seus saberes, o seu modo de compreender o mundo, os outros e de se compreender a si próprio, o que “conduz o investigador a reconhecer que não sabe, e que só pode começar a saber com os outros” (p.823).

Nesta conjuntura, pode-se elucidar que é necessário que o investigador, ao entrevistar os adultos, compreenda tais circunstâncias. Para Ferrarotti (como citado em Cavaco, 2018, p. 23), essa situação “conduz o investigador a reconhecer que não sabe, e que só pode começar a saber como os outros”.

Outra situação apontada pelos adultos é a forte relação que tem com o trabalho e a família, situação apontada principalmente pelas mulheres que definem os conhecimentos adquiridos durante os primeiros anos de vida aos ensinamentos do trabalho na lavoura. As atividades foram repassadas para elas a partir de seus avós, comparando as diferenças entre vida atual com suas diferenças do que haviam passado.

Sobre as difíceis situações vividas pelos adultos e o descaso com políticas públicas quase inexistentes em uma região que vem sofrendo há séculos a falta de estrutura básica para sobrevivência humana, justifica-se nos relatos dos adultos o

desacreditar da política local e nacional, principalmente os homens que tiveram que migrar para outros Estados a fim de buscar uma melhor condição de vida.

Os estilos de vida concretizados por cada adulto são dotados de situações que são impostas pelos pais durante a infância, adolescência e na fase adulta pelas circunstâncias de falta de oportunidade de frequentar a Educação Formal, seja pela falta de escola ou pelas condições exigidas pela sobrevivência econômica da própria família. Notavelmente, o modo da formação experiencial de cada adulto é semelhante aos estágios de desenvolvimento de Kolb (2008), que é o da aquisição que vem dos primeiros momentos do nascimento à adolescência, observado sempre nos relatos dos adultos quando destacam suas primeiras lembranças no convívio entre amigos e familiares, trabalho no campo e luta pela sobrevivência.

O relato da especialização, quando fazem comentários relativos à falta de oportunidade de realizar o sonho de ter uma melhor escolarização, remete ao sofrimento dos primeiros trabalhos no campo junto aos seus familiares, às grandes secas e às comparações vividas por eles na atualidade. Isso demonstra que muitos não tiveram tal escolarização porque o desenvolvimento particular de aprendizagem divergia das expectativas esperadas pela escola, o que resultou na falta de socialização entre o que viviam e o que a instituição ensinava. A integração ao longo da meia idade, em alguns casos, quando os adultos expressavam uma tentativa de vida no estilo de vida pessoal, procurando executar algumas atividades fora do seio familiar, demonstrava uma tentativa de mudar a situação em que se encontraram durante parte de suas vidas. Dos onze entrevistados, apenas duas mulheres continuaram o trabalho na lavoura, precisamente as duas entrevistadas que não tiveram oportunidade de frequentar a Educação Formal.

Evidencia-se, nos adultos, a relação com os pais entre as atividades com o trabalho doméstico e no campo, suas inquietudes em relação à falta de oportunidades em poder desenvolver atividades laborais diferentes das que presenciaram e a mudança de comportamento em relação aos filhos. Reconhecem que a falta de oportunidades e o analfabetismo dos pais não os tirou de um ciclo que já vinha

sendo construído anteriormente, que era de gerações permanecerem na mesma situação em que estiveram. Hoje, influenciados pela ideia de que os conhecimentos adquiridos na escola favorecem uma melhor condição de vida (até porque nove dos onze entrevistados tiveram experiências no ambiente escolar), buscam influenciar as novas gerações no sentido de avançar não só para uma melhor escolarização, mas compreendendo que adquirir novos conhecimentos favorece as possibilidades de superação em situações adversas existentes nas localidades em que vivem.

Eixo 3. Percurso profissional

O percurso profissional se relaciona com as relações do primeiro trabalho, as atividades que eram desenvolvidas, como eram realizadas as tarefas, quem trabalhava com eles(as), o lugar em que trabalhavam, o que sabiam fazer, se haviam visto alguém desempenhar os afazeres, quais eram os diálogos que tinham com os colegas, se gostavam de trabalhar nas ocupações que tinham, se existia horário de entrada e saída e o que haviam realizado no primeiro dia da função que ocupavam e, também, se vivenciaram outras experiências além do que tinham iniciado.

Os poucos adultos que conseguiram sair das atividades no campo foram realizar trabalhos em casa de famílias ou pequenas vendas no comércio da região. Muitos deles apontam que as relações de amizade não eram diferentes das que estavam acostumados, até porque a carga horária excessiva mal oferecia oportunidade de descanso nos finais de semana, o que resultava em um ciclo de amizade restrito aos moradores da localidade onde viviam.

Os homens entrevistados apontaram uma maior liberdade em expor as mudanças sofridas durante a vida profissional, que se concentrava desde atividades na construção civil até vendas de produtos nas feiras livres e no comércio da região.

Nota-se, durante as entrevistas, que os homens tiveram maior possibilidade de construir laços de amizade, enquanto as mulheres se dedicaram à criação dos filhos e às ocupações na lavoura ou em serviços domésticos em casa de família.

As condições econômicas sempre foram apontadas pelos adultos como um empecilho na continuidade dos estudos. Os adultos apontaram, durante todos os relatos, que as difíceis condições de vida não lhes propiciaram alternativas para frequentar uma escola. Nas conversas que tinham com seus amigos e familiares, sempre apontaram a Educação Formal como o único caminho para o progresso intelectual e financeiro.

Os onze adultos relataram que iniciaram as atividades laborais muito cedo; a partir dos cinco anos, já realizavam tarefas com os pais e só durante a adolescência é que tiveram a oportunidade de buscar novas alternativas, como ambulantes, empregadas domésticas, vendedoras, entre outras.

Os empregos que conseguiam ou eram mal remunerados ou recebiam alimentos e uma pequena ajuda de custo, que, segundo os adultos, não dava para os custos básicos de manutenção de uma pessoa.

A relação com o saber dos entrevistados sempre aponta que as atividades no campo tendem a ter menor prestígio porque não estão relacionadas ao que se ensina na Educação Formal, embora reconheçam que muitos dos afazeres realizados pelos agricultores requerem conhecimentos específicos que necessitam de conhecimentos empíricos relacionados às experiências de seus pais, avós e amigos.

As mulheres demonstraram uma maior organização nas questões ligadas às finanças da família e nas pesquisas de preços de alimentos e produtos essenciais para o consumo diário. Mesmo aquelas que não eram alfabetizadas conseguem, em algumas situações, o domínio de certas operações matemáticas que aprenderam com pessoas que frequentaram a escola ou que aprenderam durante o período em que estiveram estudando. Elas também declararam suas preocupações em manter a organização familiar e econômica do lar e estabeleciam nos diálogos visões de mundo muito semelhantes umas das outras.

As mulheres evidenciaram as inquietudes sobre as mudanças repentinas do mundo depois dos avanços tecnológicos e acreditavam que as dificuldades enfrentadas por elas durante todo período da vida certamente seriam superadas pelas gerações futuras.

Eixo 4. Percurso pessoal e social

O percurso pessoal e social está ligado às relações interpessoais que os adultos tiveram durante a infância e a adolescência, relacionado a questões efetivas de participação em eventos promovidos pelas comunidades ou em sítios próximos, à relação que tinham com os amigos e como lidavam com as questões relativas à compra de produtos para uso pessoal ou da família e a pagamentos de contas e como tais procedimentos eram realizados ao necessitarem realizar operações matemáticas e a leitura de pequenos textos.

Os entrevistados revelaram que o círculo de amizade sempre foi reduzido aos parentes mais próximos e que poucas vezes tiveram chance de participar de atividades promovidas pela comunidade ou frequentaram festas em outras localidades. A conduta moral da família sempre foi determinada pelo pai, tios e avós, sem uma participação efetiva da mulher, com um estabelecimento de normas patriarcais que interferiram expressamente nos relacionamentos que tiveram durante toda infância.

Os adultos relacionam suas brincadeiras ao pouco tempo de intervalo que tinham durante o horário de almoço e ao final da tarde, as diversões se concentravam em manuseio de utensílios relacionados às atividades no campo ou à criatividade de elaborar bonecas com material derivado do milho e brincadeiras relacionadas à contação de histórias.

As experiências contadas pelos adultos são de uma infância dominada pelo trabalho exaustivo do campo, pela predominância de um discurso voltado para questões dos adultos, de uma permanente cobrança de afazeres domésticos para mulheres, gerando assim um afastamento de relações pessoais fora do seio familiar. Isso resultou em um amadurecimento precoce nas crianças, hoje adultos que não se referem ao período de infância e adolescência com muito entusiasmo.

Os poucos adultos que relataram participações em festas, amizades e tentativas de sair da condição de agricultor foram os homens, que demonstraram maior apoio dos pais em sair à procura de emprego, realizar atividades de vendas de produtos como ambulantes, entre outros.

O domínio da leitura e da escrita e de cálculos matemáticos foi assimilado durante o tempo em que estiveram na Educação Formal, contudo, nas narrativas, é possível compreender que o contato com pessoas que tinham relação com o comércio fez com que muitos desenvolvessem competências de realizar cálculos de forma mais específica, como é o caso de contas realizadas na venda de produtos nas feiras livres da cidade de Ouricuri.

As compras de produtos para os membros da família sempre ficaram sob a responsabilidade da mulher, que embora estivesse atrelada aos conceitos de normas do marido, pai, avô, conheciam as necessidades que cada parente tinha e controlavam o valor arrecadado do salário obtido nas atividades da lavoura ou em atividades que realizavam como domésticas, pois nem sempre contavam com o apoio dos esposos.

Das nove mulheres entrevistadas, apenas duas não tinham frequentado a escola, entretanto, as que não eram alfabetizadas conseguiam realizar cálculos básicos e elaborar uma lista de compras, utilizando vocábulos soltos que aprenderam com outros moradores e familiares que eram alfabetizados.

A necessidade de compreender o código linguístico e as operações matemáticas fez com que mulheres não alfabetizadas buscassem meios de aprender pela apropriação de imagens e materiais que compravam ou vendiam, construindo assim uma aprendizagem da escrita por comparação, entre o significado e o significante.

Com relação ao uso de celulares e da tecnologia, as limitações se estendiam pelo pouco acesso aos meios de comunicação, porém, foi possível identificar durante as conversas que o uso de aparelhos celulares era efetivado mediante a compreensão de números e de gravações por meio de áudios, que facilitam a comunicação entre os interlocutores.

Eixo 5. Visão de mundo

A visão de mundo está relacionada a como os adultos veem os jovens na atualidade, observando como a geração atual se alimenta e se veste, como observam a convivência entre a geração atual, o que eles acham da política, das inovações dos

eletrodomésticos, dos meios de comunicação e das mudanças ocorridas no mundo nas últimas décadas.

Para os adultos, a vida agora é mais intensa e cheia de desafios para os jovens, que se torna um fator complicador àqueles que naturalmente têm pouca maturidade, vivendo em situações de comunicação via internet, sem ter acesso às pessoas de forma presencial, como era em décadas anteriores.

Os entrevistados acreditam que o excesso de informação, a alimentação de comida industrializada e a comunicação via internet dificultam muito o relacionamento antes presencial pelos membros das comunidades, que, embora sejam isoladas umas das outras, tinham uma convivência mais harmoniosa. As pessoas buscavam motivos para se encontrarem durante os períodos de festas, encontros entre amigos, vizinhos e familiares, o que, segundo os adultos, deixou de existir com maior frequência com a chegada dos meios de comunicação como a TV e a internet.

É possível identificar nas falas dos adultos a preocupação com a velocidade da transmissão das informações para as localidades mais distantes e como isso interfere nos costumes e culturas locais de forma negativa. Eles relacionam sempre as informações muitas vezes distorcidas dos valores morais antes cultivados pelos seus antepassados, o que para eles é resultado de um número considerável de violência e de um consumismo antes nunca visto na região.

A vida para esses adultos é totalmente inversa do que viveram. Embora confirmem que as mudanças tecnológicas têm os ajudado em alguns setores, destacam que a região continua com o mesmo retrocesso no que se refere à política, aos acessos à Educação Formal, à água potável, saneamento, estradas, entre outros. Para estes homens e mulheres trabalhadores do campo, as condições de vida não mudaram substancialmente; eles relembram que as condições de trabalho continuam as mesmas e que as condições econômicas estão mais difíceis do que antes.

Com relação à alimentação dos jovens, demonstram um avanço no tempo em que viviam com os pais, acreditando que a facilidade de se comprar roupas e objetos pessoais têm sido alcançada porque existem programas de governo que auxiliam

algumas famílias. As aposentadorias têm auxiliado os mais idosos a contribuir com a renda familiar, o que antes não era possível obter de nenhum governo.

Outra contribuição apontada pelos adultos foi a facilidade de os produtos chegarem aos centros urbanos próximos, como é o caso da cidade de Ouricuri e Juazeiro do Norte, que são cidades que concentram uma população significativa.

As relações interpessoais entre os adultos entrevistados conservam as características de comunidades rurais, isoladas da zona urbana que não tinham acesso aos bens comuns e que conservam as tradições de relacionamentos sem a necessidade de comunicação via internet. Muitos não conseguem realizar ligações pelo telemóvel com facilidade e ainda resistem aos avanços existentes em aparelhos modernos. É notório nos relatos que a função da comunicação via fone é necessária apenas para realização de conversas de cunho pessoal e comercial com alguns moradores da região.

A definição sobre o papel dos políticos é muito generalizada entre os adultos. Para esses agricultores, a política nacional não avançou nas últimas décadas, o que trouxe uma desconfiança nas promessas realizadas nas últimas eleições. Acreditam que o discurso político é desgastante e repetitivo com promessas antes conhecidas pelos seus antepassados e que isso os levou a não acreditar mais em nenhum candidato.

Os eletrodomésticos foram uma das maiores invenções criadas pelo homem. Segundo as mulheres entrevistadas, facilitaram a vida delas nas atividades domésticas e criaram possibilidades de realizar tarefas com maior rapidez. Com relação a poder mudar alguma coisa para melhorar o mundo, os entrevistados destacaram que desejariam que houvesse menos desigualdade social, não violência e que as relações entre as pessoas tivessem mais empatia, com mais escolas nas comunidades isoladas e que as instituições de ensino conhecessem os contextos em que estão inseridas, sem a necessidade de impor situações de ensino que estão fora da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise das entrevistas com onze adultos do semiárido, é possível identificar que os discursos se assemelham. Embora façam parte de comunidades com certo distanciamento geográfico, os entrevistados construíram, ao longo do tempo, laços familiares, resultados de casamentos realizados entre famílias que vivem há décadas na região. Tais laços se confundem com a presença massiva de questões culturais e sociais impostas durante muitos anos, o que resultou em um certo silenciamento de temas considerados delicados, principalmente no que diz respeito às questões relativas às famílias envolvidas, já que há um controle dos maridos sobre as mulheres. O patriarcalismo é predominante na região, o que dificultou a liberdade de expressão de algumas entrevistadas.

Os adultos demonstram que as dificuldades de acesso à educação formal se deram ao longo da vida por diversos fatores. Os mais destacados foram: falta de escolas que ofereçam oportunidades para estudantes adultos, distanciamento entre a zona rural e urbana, carga horária excessiva de trabalho no campo e nas atividades domésticas. Esses fatores estiveram presentes nos diálogos das nove mulheres entrevistadas que, além de serem comprometidas com o trabalho no campo junto com seus companheiros, ainda carregam a responsabilidade das atividades de organização financeira. Isso levou as pessoas não alfabetizadas a aprender operações matemáticas, leitura de frases soltas com amigos e familiares. Por necessidade, tiveram que superar as dificuldades e auxiliar nas tarefas escolares dos filhos e netos que, nas diversas situações cotidianas, ficavam a cargo delas. Em dado momento, isso resultou em abandono escolar por parte das entrevistadas e na desvalorização do trabalho das mulheres na comunidade. Tal desvalorização se alinha aos valores morais constituídos pela comunidade há décadas, constituindo a mulher como responsável pela maioria das tarefas domésticas.

Outra situação identificada nos relatos das entrevistadas é a preocupação de fazer os filhos estabelecerem um laço efetivo com a educação formal, procurando desconstruir a ideia de que apenas o trabalho no campo oferece uma vida digna. Para

elas, as experiências negativas que tiveram na infância e na fase adulta servem de alerta para as futuras gerações. A descontinuidade de um discurso implantado por gerações passadas deve estar presente no dia a dia dos jovens.

Nota-se, nos relatos, que os adultos têm uma grande preocupação com as futuras gerações, pois acreditam que a educação formal seja o único caminho para almejar uma vida mais acessível aos bens comuns.

Outras constatações demonstram a objetividade dos adultos ao se relacionarem com temas que tratam das experiências e dos saberes adquiridos ao longo da vida, principalmente, ao relatarem que, em muitas situações, tiveram que aprender a ler, escrever e realizar operações básicas matemáticas sem nunca terem frequentado a escola. Eles relacionam a falta de escolarização às condições precárias de vida entre os habitantes da região.

É unânime nas falas dos adultos a idealização de dois contextos: um de uma escola inclusiva que proporciona saberes que poderiam auxiliá-los em novas profissões, outro das experiências vividas por eles ao frequentarem a escola. A maioria que frequentou a escola se considera fracassada, desmotivada por completo.

É notável em todas as análises a presença da idealização dos adultos na construção do saber. Essa idealização é voltada a possibilidades não só de adquirir novos conhecimentos para realização do sonho de ter uma profissão desejada durante a vida, mas também pela possibilidade de ascensão social que a escola possibilita. Imagina-se que a escola promova condições favoráveis para realização do bem-estar econômico e que o fato de não terem concluído a educação básica e continuado os estudos na educação superior foi um empecilho para o desenvolvimento pessoal.

Os relatos dos adultos do semiárido pernambucano não são diferentes das situações vividas por outros sujeitos adultos em lugares que sofrem pelo abandono de políticas públicas voltadas para o público-alvo. Situações rudimentares de trabalho no campo, problemas de acesso à água potável, dificuldades de traslados aos centros urbanos, secas severas que afetam a economia local e a pouca produção de alimentos básicos de subsistência fazem com que essas populações busquem novas alternativas

de vida nos grandes centros, permanecendo em lugares precários, submetendo-se a trabalhos com baixos salários e dando continuidade à vida insuficiente antes vivida no campo.

Os relatos de adultos entre 27 e 62 anos, moradores do semiárido, favorecem a compreensão de que os acontecimentos mais relevantes das vidas dos informantes auxiliam na compreensão de que a educação é parte de um processo de construção cidadã e que estes sujeitos contribuem, direta e indiretamente, para a economia local. Logo, merecem obter novas oportunidades de profissionalização por meio de uma educação formal que os reconheça como cidadãos.

REFERÊNCIAS

- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (Orgs.). (2017). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático (13a ed., P. Guareschi, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Benjamin, W. (1975). O narrador. In W. Benjamin, M. Horkheimer, T. Adorno, & J. Habermas, Os pensadores (pp. 63-82). São Paulo: Victor Civita.
- Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28.
- Canário, R. (2000). Educação de adultos: um campo e uma problemática. Lisboa: Educa.
- Cavaco, C. (2020). Investigação biográfica com adultos não escolarizados. *Revista Portuguesa de Educação*, 33(2), 261-278.
- Cavaco, C. J. D. (2001). Processo de formação de adultos não escolarizados – a educação informal e a formação experiencial (Tese de Mestrado). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Cavaco, C. J. D. (2018, setembro/dezembro). A Investigação Biográfica em Educação no Contexto Português. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, 03(09), 814-828.
- Chapman, A. (2008). Estilos de aprendizagem Kolb (G. A. Batista, M. R. L. da Silva, & A. K. Chapman, Trad.). Learning styles. Recuperado de www.businessballs.com/kolblearnings-styles.htm.
- Goffman, E. (1963). Stigma: Notes on the management of spoiled identify. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Foucault, M. (2008). Vigiar e punir: nascimento da prisão (35a ed., R. Ramalheite, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Goulart, C. M. A. (2014). O conceito de letramento em questão: por uma perspectiva discursiva da alfabetização. *Revista Bakhtiniana*, 9(2), 35-51.
- Inês, Rui Paulo Ramalho. (2009). A aprendizagem experiencial e a sabedoria no adulto e no adulto idoso. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação da Universidade de Lisboa, Portugal.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). Cidades: panorama. Recuperado de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>.
- Instituto Paulo Montenegro: ação social do IBOPE. Indicador de Alfabetismo Funcional – Inaf. Recuperado de <https://ipm.org.br/inaf>
- JOBERT, Guy (1991). La place de l'expérience dans les entreprises. In. Courtois, Bernadette e Pineau, Gaston. L a formation expérientielle des adultes. Paris: La Documentation Française.
- Kalman, J. (2004). Saber lo que es la letra. Una experiencia de lectoescritura con mujeres de Mixquic. México: Secretaría de Educación Pública/Siglo XXI.

Kolb, D. (1984). *Experiential learning: englewood cliffs*. New Jersey: Prentice Hall.

Kolb, D. A., Rubin, A. I., & McIntyre, J. M. (1990). *Psicologia organizacional: uma abordagem vivencial*. São Paulo: Atlas.

Lejeune, C. (2011). *Manual de análise qualitativa: analisar sem contar nem classificar*. Lisboa: Piaget.

Lima, L. C. (2007). *Educação ao longo da vida: entre a mão direita e a mão esquerda de Mirô*. São Paulo: Cortez.

Muylaert, C. J., Sarubbi Jr., V., Gallo, P. R., Rolim Neto, M. L., & Reis, A. O. A. (2014). Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(spe2), 184-189.

Pimentel, A. (2007). Teoria da aprendizagem experiencial como alicerce de estudos sobre desenvolvimento profissional. *Revista Estudos de Psicologia*, 12(2), 159-168.

Trujillo, R. M. P., & García, J. B. C. (2018). Exclusão de analfabetos na relação de trabalho. *Revista Mexicana de Sociologia*, 80(4), 767-799.

Yin, R. K. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim* (D. Bueno, Trad.). Porto Alegre: Pensó.

Cronograma de atividades realizadas durante o período de elaboração do relatório.

| Etapas | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Criação do Grupo de Pesquisa Qualitativa na Serra da Ibiapaba no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Brasil | X | X | X | X |
| Participação no Congresso Internacional Virtual de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE (apresentação de trabalho) | | X | | |
| - Participação do Congresso da AFIRSE 2021 (apresentação de trabalho) | | | X | |
| - IX Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica. (apresentação de trabalho e participação como ouvinte) | | | X | |
| - XXVIII Colóquio da AFIRSE Portugal “Educação e Idades da Vida – Problemáticas de Investigação e Desafios na Sociedade Contemporânea” (apresentação de trabalho) | | | X | |
| - Participação em seminários promovidos pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. 1- Escrita Científica: Métodos e processos; 2- Investigação Narrativa; 3- Análise de redes sociais; 4- Análise de texto/Análise de discurso. | | | X | |
| Organização do E-book “formação experiencial: relatos, contextos e aplicações. (Participação da escrita de um relato de experiência). | | | | X |

Sobre o Autor

José Enildo Elias Bezerra

Realiza Estágio Pós-doutoral na Universidade de Lisboa, Linha de Pesquisa: reflexões sobre formação experiencial de adultos dentro e fora da escola. Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Linha de Pesquisa: ensino de língua portuguesa, história, política, sentido social, metodologias e pesquisa. Mestre pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB , área linguística e ensino, linha de pesquisa discurso e sociedade, especialista em linguística aplicada ao ensino da língua portuguesa, educação a distância e docência no ensino técnico. Graduação em Letras Português/Inglês e Pedagogia. Exerce a função Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará – IFCE, campus Ubajara. Avaliador dos Curso de Graduação Inep/ MEC, atualmente é coordenador do curso Português como Língua Adicional – PLA/IFCE.

Índice Remissivo

A

adultos 2, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59
agricultoras 8
alfabetizados 9, 53
análises 8, 11, 12, 17, 20, 23, 31, 32, 34, 45, 57
aprendizagem 9, 10, 11, 12, 13, 17, 18, 25, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 38, 41, 46, 49, 53, 59, 60
aulas 36
autossustentável 8

D

desenvolvimento 9, 26, 27, 28, 30, 41, 42, 45, 49, 57, 60
diversidade 17, 32

E

educação 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 45, 56, 57, 58, 59
empíricos 12, 13, 24, 42, 51
entrevista 9, 18, 19, 20, 21, 22, 38
escola 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 53, 57
escolarizados 8, 9, 15, 24, 44, 47, 59
exmanentes 19, 20

F

familiar 8, 12, 15, 21, 34, 36, 37, 38, 42, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 55
formação 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 23, 30, 31, 32, 33, 34, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 59, 61

H

habilidades 13, 27, 28, 37
histórias 12, 17, 18, 19, 20, 31, 32, 33

N

nordeste 8

O

oportunidades 11, 19, 26, 34, 36, 38, 39, 40, 43, 44, 49, 56, 58

P

procedimentos 16, 30, 52

processo 8, 9, 11, 12, 13, 15, 19, 20, 21, 23, 25, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 58

profissão 9, 22, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 47, 57

Q

questionário 16, 19

R

reflexões 10, 12, 17, 18, 20, 21, 24, 31, 32, 34

relatório 8, 10, 12, 17, 19, 29, 32, 34, 61

relatos 10, 13, 14, 16, 19, 20, 21, 22, 34, 40, 41, 48, 49, 51, 55, 56, 57, 58, 61

S

semiárido 9, 12, 13, 24, 25, 31, 42, 56, 57, 58

sertão 2, 8, 12, 15, 18

sociedade 11, 17, 18, 24, 25, 27, 29, 31, 36, 43, 45

T

trabalhadores 8, 21, 25, 29, 54

Z

zona rural 5, 8, 11, 18, 20, 34, 41, 56



AYA EDITORA

2023